

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
RURAL**

**A CRIAÇÃO DE OVINOS EM BAGÉ-RS: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
DIFICULDADES PARA A MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE**

CARLOS MARIO MENESES AGUILERA

HULHA NEGRA-RS

2011

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE PLANEJAMENTO E GESTÃO PARA O DESENVOLVIMENTO
RURAL**

**A CRIAÇÃO DE OVINOS EM BAGÉ-RS: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
DIFICULDADES PARA A MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE**

Carlos Mario Meneses Aguilera

**Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Faculdade de Ciências Econômicas como
requisito parcial para obtenção da Graduação
em Planejamento e Gestão para o
Desenvolvimento Rural**

Orientadora: Saionara Araujo Wagner

Coorientadora: Simone Weschenfelder

HULHA NEGRA-RS

2011

CARLOS MARIO MENESES AGUILERA

**A CRIAÇÃO DE OVINOS EM BAGÉ-RS: ESTUDO DE CASO SOBRE AS
DIFICULDADES PARA A MANUTENÇÃO DA ATIVIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Faculdade de Ciências Econômicas como requisito parcial para obtenção da Graduação em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural.

Aprovado em: Hulha Negra, 18 de julho de 2011.

Prof^a. Dr^a. Saionara Araujo Wagner (Orientadora)

Departamento de Medicina Veterinária / UFRGS

Simone Weschenfelder (Coorientadora)

Doutoranda em Ciência e Tecnologia de Alimentos / UFRGS

Prof. Dr. Lovois Andrade de Miguel

Departamento de Ciências Econômicas /UFRGS

DEDICATÓRIA

Dedico meu trabalho, primeiramente a Deus, por estar sempre presente e fazer parte constante da jornada.

A minha família, minha mãe dona Milca, tia Ione e, minha esposa Dulce, por acreditarem incondicionalmente em mim e dar conselhos em todos os instantes da vida.

A meu filho Antonio, luz da tropa Meneses, horizonte de minhas alegrias e perspectivas, responsável pelas ações e decisões.

A meu pai, Carlos Ney, sua lembrança sempre presente, exemplo de temperança e firmeza, faz com que não me esqueça de manter meu caráter inabalável.

As inúmeras pessoas que cruzaram meu caminho com a intenção de elevar minha trajetória, transformando-a mais afortunada.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é uma somatória, um esforço realizado com a compreensão e auxílio de amigos, entidades, a quem gostaria de render meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço a UFRGS por me possibilitar esta oportunidade única e enriquecedora em minha vida, projetando e perpetuando ideais inovadores.

À orientadora Saionara Araujo Wagner, que soube com sua atenção dosar as minhas preocupações.

Às tutoras Márcia Suzana Reis Barbosa e Simone Weschenfelder pela atenção e dedicação na construção e valorização da educação.

Ao amigo e orientador Claudio Marques Ribeiro, por me revelar e instigar o desenvolvimento rural, sempre presente com sua consideração e conhecimento.

Aos colegas de curso que participaram comigo nesta jornada, principalmente, ao amigo Valeriano Alan Jardim de Moraes, por compartilhar as mesmas aspirações.

À Franciéli Barcellos de Moraes, por sua inestimável ajuda, possibilitando abrir fronteiras onde somente com sua visão e técnica poderia trespassar.

Aos servidores da SEAPA Bagé-RS, no nome de Antônio Budó Neto, Antônio Guilherme Gomes da Silva, Elci Rodrigues de Araújo, Getúlio Antônio Rodrigues de Campos e José Vital Cerveira.

Aos pesquisadores Carlos José Hoff de Souza e José Carlos Ferrugem Moraes da Embrapa Pecuária Sul Bagé-RS pela atenção e consideração.

A Glauco Maurenre Magalhães, escritório municipal de Bagé da EMATER/RS, por sua atenção e empréstimo de livros e documentos.

A Nelson Sarmiento Júnior, pela consideração ao disponibilizar de seu acervo particular de livros para a construção deste trabalho.

Aos amigos Eraldo das Neves Rocha, Lucas Fagundes Moura e Luiz Antonio Bastianello por conseguirem material didático para completar e valorizar meu estudo.

Aos produtores rurais Clara Marineli Silveira Luiz Vaz e Luis Claudio Gonçalves da Silva, por seus substanciais depoimentos em revelarem informações sobre a história da ovinocultura em Bagé-RS.

Aos proprietários rurais Manuel Luís Benevenga Sarmiento e Paulo Sérgio Soares, pela consideração e atenção a mim destinada nas entrevistas.

RESUMO

Este trabalho tem como tema a criação de ovinos em Bagé-RS, uma observação das potencialidades e dificuldades para a manutenção da atividade. O objetivo do mesmo é identificar e descobrir quais são os fatores que levam os produtores a permanecerem na ovinocultura. Através de duas entrevistas com pecuaristas do município foi possível interpretar melhor as causas, o histórico e planejamento destes com a tomada de decisão e gestão da propriedade. O estudo faz uso da revisão literária de acordo com a realidade evidenciada como justificativa mais aprofundada para o desenvolvimento rural. As informações encontradas apresentam os produtores de ovinos arraigados num modo de vida, onde os mesmos com inúmeros obstáculos diagnosticados para o setor não abrem mão de sua valorização cultural, socioeconômica, com forte ligação à tradição transmitida através das gerações.

Palavras-chave: criação de ovinos, desenvolvimento rural, tradição.

ABSTRACT

This work has as subject the creation of ovinos in Bagé-RS, a comment of the potentialities and difficulties for the maintenance of the activity. The objective of the same is to identify and to discover which they are the factors that take the producers to remain in the ovinocultura. Through two interviews with pecuaristas of the city it was possible to interpret better the causes, the description and planning of these with the taking of decision and management of the property. The study the evidenced reality makes use of the literary revision in accordance with as deepened justification more for the agricultural development. The joined information present the producers of ovinos arraigados in a life way, where the same ones with innumerable obstacles diagnosed for the sector do not open hand of its cultural valuation, socioeconômica, with strong linking to the tradition transmitted through the generations.

Word-key: creation of ovinos, agricultural development, tradition.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Definição do Problema.....	12
1.2 Objetivos.....	13
1.3 Justificativa.....	13
2 REVISÃO DA LITERATURA.....	16
2.1 CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO DE BAGÉ.....	16
2.1.1 Constituição histórica.....	16
2.1.2 Constituição geográfica.....	19
2.1.3 Constituição climática e ambiental.....	20
2.1.4 Constituição da flora e fauna.....	22
2.1.5 Constituição socioeconômica da região.....	24
2.2 PROCESSOS HISTÓRICOS DA OVINOCULTURA.....	26
2.2.1 Ovinocultura no mundo.....	26
2.2.2 Ovinocultura no Brasil.....	28
2.2.3 Ovinocultura no RS.....	29
2.3 PROCESSO DE GESTÃO DE UMA UNIDADE DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA.....	34
2.3.1 Gestão da propriedade.....	34
2.3.2 Tomada de decisão.....	36
2.3.3 Fatores internos.....	38
2.3.4 Fatores externos.....	39
3 METODOLOGIA.....	40
3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa.....	41
3.1.1 Pesquisa bibliográfica e documental.....	41
3.1.2 Pesquisa de campo.....	42
3.2 A unidade de análise.....	44
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	44
4.1 Ovinocultura no município de Bagé.....	44
4.2 Descrição da UPA do Sr. Manuel Luís Benevenga Sarmento.....	50
4.2.1 Fatores da tomada de decisão.....	52
4.2.2 Fatores que contribuíram para a manutenção da atividade ovina.....	53

4.3 Descrição da UPA do Sr. Paulo Sérgio Soares.....	54
4.3.1 Fatores da tomada de decisão.....	57
4.3.2 Fatores que contribuíram para a manutenção da atividade ovina.....	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61
ANEXO A.....	66
ANEXO B.....	74
ANEXO C.....	77

LISTA DE FIGURAS

1. Mapa do Rio Grande do Sul.....	19
2. Densidade populacional de ovinos (cabeças) por Km terrestre mundial.....	27
3. Evolução do número de ovinos criados nas diferentes regiões do Brasil.....	29
4. Produtores rurais de ovinos no RS e população existente por mesorregião.....	31
5. Cadeia produtiva da ovinocultura no RS.....	33
6. Primeira ovelha tatuada no Brasil.....	48
7. Manuel Luís no escritório da estância.....	50
8. Paulo Sérgio no escritório da ARCO.....	55
9. Porteira de entrada para a estância São Francisco em Bagé-RS.....	66
10. Sede principal da propriedade.....	66
11. Manuel Luís e Carlos Mario (autor do presente trabalho) à entrada do escritório....	67
12. Frente da fachada externa da cabanha de Romney Marsh.....	67
13. Fachada externa da cabanha, ângulo lateral.....	68
14. Fotografia interna da cabanha.....	68
15. Reprodutores (carneiros) Romney Marsh no piquete.....	69
16. Reprodutores (carneiros) Romney Marsh a campo.....	69
17. Entrada para a Cabanha Espinilho em Bagé-RS.....	70
18. Casa principal da propriedade.....	70
19. Galpão (menor) abriga os borregos (as) e reprodutores (carneiros).....	71
20. Vista interna do galpão menor.....	71
21. Galpão maior para abrigar todo o rebanho.....	72
22. Parte interna do galpão maior.....	72
23. Reprodutores (carneiros) Corriedale a campo.....	73
24. Borregas Corriedale no piquete.....	73

LISTA DE TABELAS

1. Evolução do rebanho mundial de ovinos entre 1990 – 2008 (milhões de cabeças)....	27
2. Preços em reais (R\$), Relativos de Ciclo (RC) e Índices de Preços (IP) dos produtos da ovinocultura no Rio Grande do Sul de 1973 a 2005.....	30
3. População ovina no RS entre os anos de 2005 e 2009.....	32
4. Número de ovinos por municípios.....	32
5. Censo ovino de Bagé de 1980 a 2010.....	49

1 INTRODUÇÃO

A ovinocultura foi um alicerce fundamental para que a civilização humana desse seus primeiros passos rumo ao desenvolvimento e progresso das sociedades. Com a necessidade de suprir a subsistência das comunidades, através da exploração dos produtos oriundos da criação de ovinos houve uma contribuição no sentido de que o homem fosse constituindo esforços e conceitos. Assim, havia uma necessidade imperiosa de se abastecer dos animais domésticos para a manutenção dos indivíduos. Nesse processo, o ovino foi fundamental para o crescimento e desenvolvimento da estrutura social, proporcionando novas fronteiras, fronteiras estas além geográficas.

Deste modo, foram surgindo novos contextos e oportunidades, direções, a fim de dar outros contornos e dimensões que favorecessem e florescessem a evolução do homem. Assim, o crescimento de maneira natural foi inevitável para o surgimento de tecnologias para abastecer e estimular a capacidade humana de enfrentar os desafios inerentes à sobrevivência do dia-a-dia. Portanto, advém daí os primeiros passos para que a humanidade começasse a lidar com a criação dos animais, agregando fatores e valores. Portanto, o ovino sempre esteve presente, constituindo-se numa peça relevante para compor o equilíbrio socioeconômico, cultural, ambiental na organização dos Estados.

A entrada da ovinocultura do Brasil não foge aos interesses econômicos do resto do mundo, muito menos como fonte de exploração para o abastecimento das necessidades básicas de alimentação. Basicamente, foi um processo que surgiu influenciado pela colonização européia no continente sul americano, primeiramente, adequando-se a uma demanda direcionada como fonte de produção voltada à comercialização da lã.

Posteriormente, a carne ovina teve sua importância reconhecida, assim, automaticamente foram surgindo ovinos com dupla aptidão. Atualmente, existe uma disseminação quanto à criação ovina em todo o território nacional, projetando não apenas a produção, mas um material zootécnico de alto nível.

Por sua vez, a ovinocultura gaúcha sempre esteve ligada diretamente ao homem do campo, influenciando e participando da economia, também, agregando um cunho social, cultural, um ponto de referência à pecuária do Rio Grande do Sul, representando ao longo das décadas um valor inerente, essencial ao setor rural.

Portanto, os fatores que influenciam seu desenvolvimento e crescimento têm um significado muito especial, principalmente, quando ocorrem momentos de instabilidade

no mercado. Reflexos que afetam a oferta e procura, conseqüentemente, acarretam danos à produção ovina, danos estes muitas vezes determinantes e, em muitos casos envolvem fatores externos à criação dentro de um estabelecimento rural, mas que inviabilizam e/ou interferem nos resultados da produtividade.

Não é somente no município de Bagé-RS que ocorrem dificuldades para a manutenção da atividade de ovinocultura. Outros municípios da região também sofrem com a falta de políticas públicas compatíveis com suas necessidades específicas, além de fatores internos e externos à propriedade que podem interferir diretamente na permanência ou não dessas unidades produtivas.

Em conseqüência disto, os rumos da agricultura, mais precisamente, no caso da ovinocultura no município de Bagé-RS não ficaram distantes da realidade estadual, esses fatores também aconteceram e foram marcantes, o que contribui para alterar o comportamento da pecuária local gerando uma série de transformações socioeconômicas e culturais. O que de certo modo, evidencia a importância da criação de ovinos no referido município.

Baseado no exposto é que o presente trabalho busca identificar qual a importância dos fatores citados na construção de um diálogo que represente as potencialidades e dificuldades para a manutenção da criação de ovinos em Bagé-RS.

1.1 Definição do Problema

A ovinocultura é uma atividade tradicionalmente desenvolvida no município de Bagé e com um potencial econômico relevante. Essa atividade faz parte da cultura e da tradição dos pecuaristas dessa região. No entanto, observa-se que existem vários fatores que incidem direta e indiretamente nesta atividade, determinando o êxito ou o fracasso da mesma. Dentre esses fatores estão o mercado, o planejamento e gestão da unidade produtiva, a oferta do produto, a demanda dos consumidores, a organização da cadeia produtiva, entre outros.

Dentre as muitas incertezas que povoam o desconhecido, ou seja, que contribuem para identificar e aprofundar o tema de pesquisa, aponta-se a necessidade de buscar informações sobre:

- a) Quais os desafios enfrentados pelos criadores de ovinos entrevistados para a manutenção da atividade?
- b) Qual o impacto na produção destes produtores?

- c) Qual a importância da criação de ovinos nos diferentes estabelecimentos rurais estudados?
- d) Qual a percepção dos criadores de ovinos entrevistados em relação a essa atividade desenvolvida?

Diante disso, esse trabalho se propõe a buscar respostas às perguntas acima levantadas, através do estudo de caso de dois pecuaristas, produtores de ovinos do município de Bagé-RS.

1.2 Objetivos

Objetivo geral:

Identificar os fatores que interferiram no processo da criação de ovinos em Bagé-RS.

Objetivos específicos:

- a) Evidenciar e avaliar os dados da população ovina em Bagé-RS nos últimos trinta anos.
- b) Descrever o sistema de produção das Unidades de Produção Agrícola estudadas identificando os diferentes fatores que contribuíram para a manutenção da atividade ovina.
- c) Relacionar e descrever os fatores internos e externos da tomada de decisão nas Unidades de Produção Agrícola estudadas.

1.3 Justificativa

De acordo com Santos (1986), nos anos oitenta do século XX a maioria dos estabelecimentos pastoris da região fronteira do Rio Grande do Sul tinha na ovinocultura um dos seus esteios econômicos. Com a receita da ovinocultura (venda de lãs, cordeiros, capões, ovelhas velhas e peles) que são subsidiadas as despesas da fazenda: pessoal, aramados, vermífugos, vacinas, carrapaticidas, impostos etc. Além disso, a carne ovina é a alimentação básica do homem do campo.

Desta maneira, nesse contexto a pecuária ovina é muito significativa para o desenvolvimento socioeconômico local e regional, pois, de acordo com Jardim (1973), o rebanho ovino pode aumentar rapidamente e gerar renda diversas vezes ao ano, com a venda de lã e também de animais novos para o açougue, além de fornecer carne para o consumo do estabelecimento.

De forma que, intrínseco à ovinocultura muitas são as mudanças que aconteceram e que ainda estão presentes, ora viabilizando, ora inviabilizando, onerando representativamente tanto a produção quanto a comercialização. Alguns aspectos têm uma relação direta com essa flutuação. Entre esses aspectos que promovem alterações pode-se citar:

- a) A instabilidade do preço da lã e da carne ovina;
- b) A migração para outras atividades agrícolas que propiciam outras alternativas de renda, um exemplo bem característico é a exploração econômica da silvicultura, lavouras, fruticultura ou, ainda, o turismo rural;
- c) O furto de animais (abigeato), com uma ocorrência bastante significativa na atividade de ovinocultura interferindo diretamente na renda dos produtores;
- d) Diminuição da mão-de-obra especializada no manejo da criação ovina, repercutindo diretamente na produção e comercialização do produto ovino.

Portanto, todos esses fatores têm conseqüências relevantes e diretas na atividade agropecuária o que dificulta cada vez mais a manutenção e o planejamento dessa atividade no meio rural.

Atualmente, com dados do ano de 2010, a população ovina no município de Bagé-RS é de 94.788 cabeças, distribuídas em 681 propriedades. Esses números demonstram a importância da atividade ovinícola para o município e região, destacando o mesmo entre os maiores rebanhos ovinos do Estado do Rio Grande do Sul. Embora, no passado estes números já tenham sido bem mais expressivos e vitais para a economia, um retrato disto é que no ano de 1980 a criação de ovinos contava com 1954 propriedades e uma população ovina de 850.025 reses (IVZ, 2011).

Diante de informações como esta, instiga-se desenvolver um estudo acerca das motivações que levam o pecuarista a continuar desenvolvendo a atividade de ovinocultura no município de Bagé, identificando se há uma relação direta entre a manutenção do rebanho ovino com os muitos fatores internos e externos que interferem para a manutenção desta atividade.

Assim, esse trabalho, visa identificar a importância que a criação de ovinos exerce no conjunto de atividades desenvolvidas por alguns pecuaristas da região de Bagé e, suas implicações no desenvolvimento econômico do município. Tem como foco dar uma compreensão mais detalhada da atividade, ressaltando os diversos fatores que interferem no desenvolvimento da atividade pecuária.

Estes fatores visivelmente fazem parte do contexto de desenvolvimento da pecuária na região de Bagé, pelas condições favoráveis da criação de ovinos integrada ao sistema produtivo de pecuária extensiva.

Diante disso, esta pesquisa está baseada num problema bem característico no panorama rural do município de Bagé, a manutenção da ovinocultura, uma perspectiva freqüente atualmente nos estabelecimentos rurais.

Desta forma, o tema de pesquisa para esta questão visa identificar se há uma ligação, uma relação direta entre a manutenção do rebanho ovino com os muitos fatores que contribuem para o sustento desta atividade. Fatores estes, que propiciam, muitas vezes uma reestrutura das propriedades no tocante ao planejamento e gestão rural, seja pelos fatores financeiros, ou ainda, pelos fatores zootécnicos. Neste caso, impedindo o desenvolvimento natural de um dos pilares da pecuária local, a ovinocultura.

Para tanto, significa selecionar esse assunto de acordo com as inclinações, possibilidades e as tendências e, encontrar no objeto de estudo um ponto de exceção, algo que mereça ser investigado cientificamente e, que tenha de ser construído em função da pesquisa. Por isso, o objeto de estudo, relacionado aos fatores que concorrem para a manutenção do rebanho ovino deve ser construído a partir da sua exploração e delimitação desta temática específica, por etapas.

Portanto, este trabalho recai sobre uma visão particular inserida na realidade da pecuária local, mais precisamente, uma visualização da influência que a criação de ovinos exerce e, suas implicações dentro de um contexto que refletem no desenvolvimento rural do município de Bagé. Por conseqüência, tem como objetivo explorar e abordar as várias circunstâncias agravantes que assolam este setor agrário.

Efetivamente, fazer uma ligação de como o tema de pesquisa se enquadra dentro da administração rural, quais são os fatores limitantes ao crescimento e manutenção das atividades rurais para o sustento à produção ovina, sejam estes fatores limitantes externos, que abordem políticas públicas, abigeato ou, internos que tratem da mão-de-obra dentro da propriedade, recursos financeiros disponíveis, maquinário, implementos agrícolas, questões ambientais, ou seja, que tenham um vínculo direto com a tomada de decisão do produtor direcionado ao desenvolvimento rural.

Assim, este trabalho está atrelado ao desenvolvimento rural, com informações que demonstram a realidade de um determinado espaço geográfico, considerando questões de acordo às necessidades básicas dos produtores rurais. Visa relacionar seus

pontos em comum, diferenças, procurando analisar causas e efeitos principais dentro desse contexto.

Por isso, é importante fazer uma leitura, um diagnóstico preciso do tema em conformidade aos acontecimentos e aspectos de um todo para o quadro apurado nas ações que envolvem a manutenção da ovinocultura local e regional como pano de fundo aos impactos para o setor agrícola na área de abrangência da pesquisa. Conseqüentemente, até chegar o momento de confrontar o estudo com a ciência, neste caso, é o que realmente fica como contribuição deste trabalho.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 CARACTERÍSTICAS DO MUNICÍPIO DE BAGÉ

Neste espaço estão presentes alguns tópicos que compõem o universo do município de Bagé que identificam o local e a região, constituindo um material de análise para se obter uma visão das propriedades estudadas e o entorno onde estão situadas.

Deste modo, as informações apresentadas demonstram um quadro que vai além da constituição histórica, há todo um panorama da realidade e do espaço físico que visam dar uma compreensão das mudanças pelo qual o processo da ovinocultura passou.

2.1.1 Constituição histórica

Conforme Tabora (1981), para que não houvesse possibilidade de os espanhóis voltarem a ocupar esta zona de Bagé, o governo passou a fazer doações de terras (sesmarias) para algumas pessoas, especialmente militares que quisessem trabalhar na campanha e aí morar. Muita gente se candidatou e ganhou grande quantidade de campo, nessas sesmarias, deveriam morar, plantar e cuidar dos animais que existissem e fazer o povoamento da região.

As primeiras estâncias de Bagé foram dadas às margens do Rio Camaquã, apesar das guerras e das dificuldades que enfrentavam os primeiros estancieiros suas estâncias progrediram. Com o decorrer do tempo, as estâncias foram passando para os filhos, ou pedaços de terra foram vendidos a outras pessoas que também quisessem morar nesta região. Dessa forma, foram-se constituindo as primeiras famílias que ocuparam a campanha. Era gente que vinha de diversos lugares do Brasil e algumas até da Europa.

As primeiras doações ocorreram em 1779. Tudo era campanha, não havia vila, nem cidade, as casas que existiam ficavam nas estâncias (TABORDA, 1981).

Por sua posição geográfica Bagé desempenhou importante papel na história do Estado, desde o tempo do Império. Seus campos foram alvo de disputas entre índios, portugueses e espanhóis. Também aconteceram fatos importantes da Guerra Cisplatina e das Revoluções Farroupilha e Federalista (BAGÉ-RS, 2011).

Pode-se dizer que a história de Bagé começa a ser contada do momento em que os jesuítas trazem índios já convertidos à fé cristã para estabelecerem uma estância nas fraldas da Serra de Santa Tecla. A partir daí começa a se conhecer este território. Logo depois, quando da fixação das fronteiras meridionais pelo Tratado de Madrid, há a penetração das comissões demarcadoras, que encontram em Santa Tecla, pela presença do índio Sepé Tiaraju, a resistência à sua execução (BAGÉ-RS, s/d).

O primeiro contato do município com o homem europeu aconteceu na segunda metade do século XVII, quando os padres jesuítas, após fundarem São Miguel, desceram da região dos Setes Povos das Missões e instalaram-se em Bagé, fundando a Redução de Santo André dos Guenoas, em 1683. Porém, os índios aqui encontrados (que os padres pretendiam catequizar) eram rebeldes em relação aos índios missionários e aos homens brancos e destruíram a redução (BAGÉ-RS, 2011).

Mais tarde, em 1750, Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Madri, pelo qual os portugueses renunciavam à Colônia de Sacramento em troca de terras do atual Rio Grande do Sul e da expulsão dos Setes Povos para a outra margem do Rio Uruguai. Mas quando, em 1752, os dois exércitos – português e espanhol – chegaram nos campos de Santa Tecla para demarcar as fronteiras, foram rechaçados por 600 índios charruas (tribo predominante nesta área), comandados por Sepé Tiaraju, que teria dito que aquelas eram “terras que Deus e São Miguel lhes haviam dado” (BAGÉ-RS, 2011).

Alguns anos depois, em 1773, o Governador de Buenos Aires, D. Juan José Vertiz y Salcedo, com 5.000 homens, partiu do Prata para expulsar os portugueses do Rio Grande do Sul. Chegando aqui, fundou o Forte de Santa Tecla, do qual ainda existem demarcações. O forte era cercado por um fosso de 9 metros de largura e 2,5 de profundidade, tinha muralha de 3 metros de altura e baluartes que alcançavam 5,5 metros. O Forte foi arrasado duas vezes. A primeira, em 1776, Rafael Pinto Bandeira o invadiu e expulsou os espanhóis, destruindo parte de sua construção (BAGÉ-RS, 2011).

Depois de assinado o Tratado de Santo Idelfonso, em 1777, uma guarnição espanhola ocupou novamente o Forte, e os portugueses se estabeleceram numa Coxilha que recebeu o nome de São Sebastião – Guarda de São Sebastião. Em 1801, os espanhóis abandonaram todos os seus postos avançados, inclusive o Forte de Santa Tecla, que foi, pela segunda vez, demolido e arrasado. O território passou definitivamente aos portugueses, e as terras bageenses foram ocupadas por sesmeiros ou arrendadas a pessoas que se destacaram nos combates travados (BAGÉ-RS, 2011).

Em 1810, algumas das colônias espanholas conquistaram sua independência da metrópole, e em meados do ano seguinte, em 1811, o governador do Rio Grande do Sul, Dom Diogo de Souza, concentrou o exército português nas fronteiras, temendo alguma ação dos recém-separados espanhóis. Assim, montou seu acampamento próximo aos “Cerros de Bagé”, local onde hoje está situada a cidade. Segundo alguns historiadores, em 17 de julho de 1811, D. Diogo partiu com suas tropas para invadir o Estado Oriental del Uruguay, deixando aqui várias pessoas que não puderam acompanhá-lo e que originaram o município. A data de fundação de Bagé – 17 de julho de 1811 – bastante discutida até hoje, foi estipulada em 1963, por ocasião do Congresso do Segundo Centenário do nascimento de Dom Diogo de Souza (BAGÉ-RS, 2011).

Quanto à origem do nome Bagé, há várias hipóteses, a mais aceita diz que a origem do nome vem da linguagem indígena, e está relacionada com a idéia de “cerros”. Os índios tapes chamavam os Cerros de “mbaiê”, porém a expressão mais aceita para a origem do nome da cidade é “bag”, outra expressão indígena que também significa “cerros”. A povoação foi aumentando devagar, espalhando-se ao redor da Praça da Matriz (onde seria o centro do acampamento), e uma igreja, muito simples, foi construída (em 1820) para abrigar a imagem do padroeiro da cidade, São Sebastião, trasladada em 1813 da Guarda da Coxilha para Bagé (BAGÉ-RS, 2011).

Mesmo após a demarcação definitiva das fronteiras, as terras do município de Bagé continuaram a presenciar guerras e batalhas. Em 1825, D. Carlos de Alvear invadiu o território gaúcho, e no início de 1827, as forças do general Lavalleja entraram em Bagé, saqueando, queimando e destruindo o que encontravam pela frente. No ano seguinte, a assinatura do Tratado de Paz devolveu o sossego à fronteira (BAGÉ-RS, 2011).

Em 1835 foi a vez dos gaúchos batalharem entre si. A eclosão desta nova disputa deu-se não pelos antigos objetivos de conquista de terras. Agora, os motivos eram

outros: estavam em jogo os ideais de republicanos e imperialistas. Bagé, mais uma vez, viu seus campos servirem de palco para diversas batalhas. Uma das mais importantes e lembradas, a “Batalha do Seival” foi travada em 10 de setembro de 1836 nos Campos do Seival. As tropas republicanas, comandadas por Antônio de Souza Netto, saíram vitoriosas e, no dia 11 de setembro, o General Netto, no atual Campo dos Menezes, margem esquerda do Rio Jaguarão, proclamou a República Rio – Grandense (BAGÉ-RS, 2011).

Finda a Revolução Farroupilha, Bagé foi elevada à categoria de freguesia, em 18 de maio de 1846, e de vila, em 5 de junho do mesmo ano. Foi reconhecida como cabeça de comarca em 22 de dezembro de 1858 e, quase um ano depois, em 15 de dezembro de 1859, foi elevada à categoria de cidade (BAGÉ-RS, 2011).

2.1.2 Constituição geográfica

Bagé, a Rainha da Fronteira, está localizada na fronteira do Rio Grande do Sul, a 60 Km do Uruguai, e constitui-se no caminho mais curto entre Porto Alegre e Montevideú (Bagé-RS, 2011). Em destaque na figura 1, em vermelho, dentro do mapa do Rio Grande do Sul a localização exata, dentro deste, do município de Bagé.

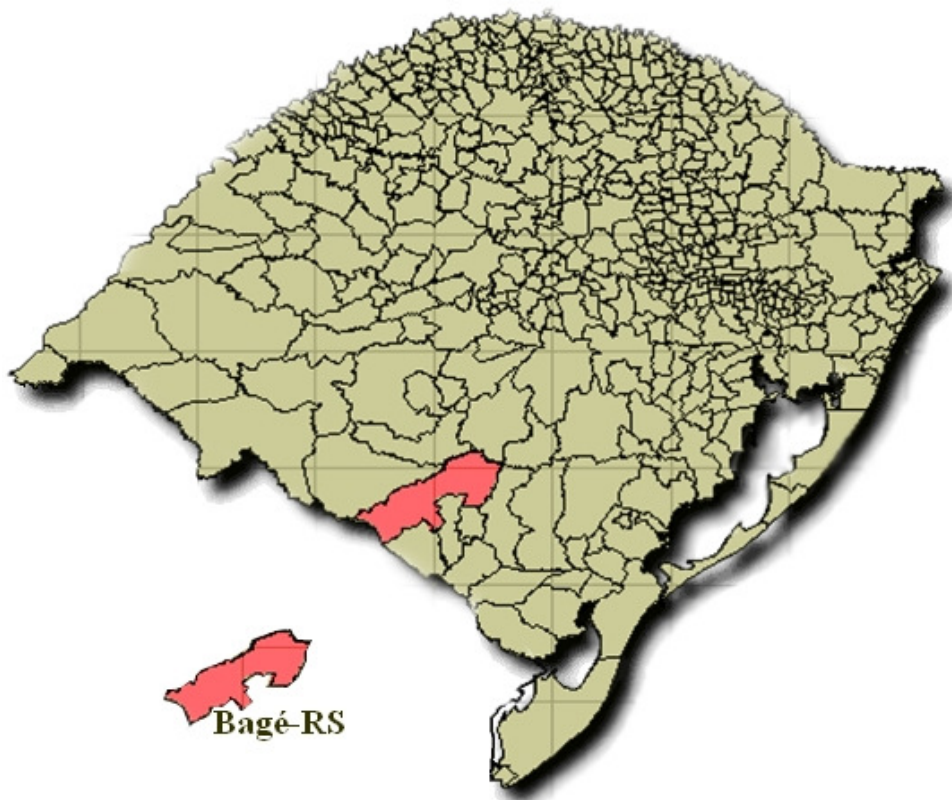


Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul.

Fonte: IBGE – Cidades, 2011.

Com área de 4.095,5 Km², limita-se ao Norte com os municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul; ao Sul, com a República Oriental do Uruguai; ao Leste, com Pinheiro Machado, Hulha Negra e Candiota, ao Oeste com Dom Pedrito e República Oriental do Uruguai. São possibilidades de acesso as BRs 290, 153 e 293, pela RST 7473, pela Estação Ferroviária ou pelo Aeroporto (LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE BAGÉ, 2010).

2.1.3 Constituição climática e ambiental

O Clima da região, segundo a classificação de KOPPEN, corresponde a um clima mesotérmico, tipo subtropical da classe Cfa., com chuvas regularmente distribuídas durante o ano. O Município está situado a 218 metros acima do nível do mar. A precipitação média é de 1.350 mm, com uma variação de 20%. A distribuição desta precipitação durante o ano situa-se em torno de 34% no inverno, 25% na primavera, 25% no outono e 16% no verão (BAGÉ, 1979).

A temperatura média anual é de 17,6° C. A média do mês mais quente (janeiro) é de 24° C e do mês mais frio (junho) 12,5°C. As temperaturas extremas são - 4° C no mês mais frio e 41° C no mês mais quente. A umidade relativa do ar oscila de 75 a 85%. A insolação anual é de 2.444 horas. A formação de geadas ocorre de abril a outubro, com maior incidência nos meses de junho a agosto. Os ventos predominantes são de setembro a abril - Sudeste -, e de maio a agosto – Nordeste (BAGÉ, 1979).

As condições climáticas do município permitem a realização de cultivos tanto de inverno (trigo, centeio, aveia, cevada, forrageira de ciclo hibernal), como de verão (milho, arroz, soja, sorgo, forrageira de ciclo estival). Sob o ponto de vista climático, a fruticultura, principalmente a viticultura, teria amplas e bem sucedidas condições de desenvolvimento no município (BAGÉ, 1979).

O sistema hidrográfico do município acha-se dividido em três bacias. Os cursos d'água situados ao Norte do município pertencem à bacia do Rio Camaquã. Este tem suas nascentes nos municípios de Bagé e Lavras do sul, seguindo seu curso, no sentido N, NE, ao longo do qual estabelece limites com os municípios de Lavras do Sul e Caçapava do Sul. Os principais afluentes do Camaquã são os arroios do Tigre, das Palmas, Lichiguana e torrinhas ou Velhaco (BAGÉ, 1979).

A bacia do Camaquã situa-se nos subdistritos de Joca Tavares e Palmas. A sudeste do município situa-se a bacia do Rio Jaguarão, cujos principais afluentes são os

arroyos Candiota, Jaguarão Chico e Jaguarão Grande. Os cursos d'água desta bacia situam-se na área do distrito de Seival, Aceguá-RS e subdistrito de Tupi Silveira. A Sudoeste situa-se a bacia do Rio Negro, cujos principais afluentes são os arroios Pirai, Quebracho, Quebrachinho, Gontam e Bagé. Esta bacia situa-se nos distritos de Bagé (subdistritos de Pirai e Bagé), José Otávio e município de Aceguá-RS (BAGÉ, 1979).

Tomando-se por base os critérios para a classificação dos solos, em função de sua capacidade de uso, uma descrição geográfica aproximada das principais unidades de mapeamento de solos que ocorrem nos diversos distritos e subdistritos do município de Bagé e região, elaborada pelo Engenheiro Agrônomo Dr. Walfredo dos Santos Leal de Macedo:

- Unidade de mapeamento de Bagé – esta unidade situa-se na maior parte do 2º subdistrito de Joca Tavares, na divisa com o distrito de José Otávio, parte no 1º subdistrito de Bagé.
- Unidade de mapeamento de Aceguá – esta unidade ocorre em parte do município de Aceguá-RS, fronteira com o subdistrito de Tupi Silveira e praticamente na totalidade deste último, e parte do 1º subdistrito de Seival.
- Unidade de mapeamento de Hulha Negra – esta unidade de mapeamento ocorre em pequena parte no norte do município de Aceguá, fronteira com o Município de Hulha Negra. Parte na região norte do distrito de Tupi Silveira e numa ocorrência no distrito de Seival, divisa com Tupi Silveira.
- Unidade de mapeamento Bexigoso – esta unidade de mapeamento cobre aproximadamente metade do 2º subdistrito de Joca Tavares, metade do distrito de José Otávio, quase totalidade do 1º subdistrito de Bagé, parte norte do município de Hulha Negra e a parte central do distrito de Seival.
- Unidade de mapeamento de Santa Tecla – esta unidade ocorre a partir da parte noroeste e nordeste do distrito de José Otávio em direção ao município de Pinheiro Machado, abrangendo a parte central e sul do 2º subdistrito de Joca Tavares, uma pequena parte do norte do 1º subdistrito de Bagé, região do Forte de Santa Tecla, parte do norte do 1º subdistrito de Seival e a parte sul do 2º subdistrito de Palmas.
- Unidade de mapeamento de Pinheiro Machado – esta unidade ocorre a partir do centro e em direção ao norte do distrito de José Otávio, abrangendo quase toda a totalidade do 2º subdistrito de Palmas.

- Planos solos - Ocorrem nas partes planas às margens dos rios e arroios e situam-se principalmente no 3º subdistrito do Piraí, no município de Aceguá e no município de Hulha Negra (BAGÉ, 1979).

Portanto, as características descritas para o clima e ambiente do município de Bagé e região reforçam a viabilidade e qualidade dos campos para a prática de criação de ovinos, visto que, havendo um equilíbrio entre as estações permite aos produtores se programarem quanto à época de monta e parição dos cordeiros. Outro fator preponderante é quanto ao preparo dos campos. Conforme a estação é possível um manejo correto dos poteiros, permitindo um descanso das pastagens nativas ou artificiais. Pois, sabendo trabalhar o campo possibilita com que os animais desfrutem melhor a permanência nestes sem que com isto inviabilize a produção forrageira dos mesmos.

2.1.4 Constituição da flora e fauna

A flora e fauna da região apresentam em seus espaços físicos ambientes bem definidos, identificados com áreas de campos naturais, bem características, própria da geografia existente.

De uma forma geral predomina no município uma vegetação tipo campestre, formada principalmente por gramíneas das *teribus Andropogoneae* e *Paniceae*. Fazem parte também desta formação vegetal plantas pertencentes a outras famílias *Leguminosae*, *Compositae*, *Verbenaceae*, *Oxalidaceae*, e *Mirtaceae*. No entanto, como conseqüência das diversificações de relevos e tipos de solos, ocorrem variações nesta formação campestre (ECOPAMPA, 2008).

Na região correspondente aos distritos de José Otávio, Aceguá e Bagé (subdistritos de Bagé e Piraí), encontram-se os chamados campos finos, situados sobre os solos das unidades de mapeamento Bagé e Aceguá. São campos que apresentam cobertura vegetal acima de 80% formada por um grande número de espécies de gramíneas rizomatosas e estoloníferas e boa freqüência de leguminosas (ECOPAMPA, 2008).

Nos subdistritos de Joca Tavares, Palmas e parte de Seival, em função do relevo acidentado, a formação vegetal se compõe de mata subtropical rala, associada à vegetação campestre. A vegetação arbustiva é rala, formando caponetes isolados nos campos. As principais espécies que ocorrem são: Vassoura vermelha (*Dodonea*

viscosa), Aroeira do campo (*Lithrae brasiliense*), Capororóca (*Myrsine umbellata*), Taleira (*Celtis tala*), Vassoura (*Baccharis sp.*), Araçá (*Psidium sp.*), Pitangueira (*Eugenia sp.*), Camboim (*Eugenia sp.*), e outras Myrtaceas de caule retorcido (ECOPAMPA, 2008).

Quando existem condições de umidade favoráveis como encostas úmidas e cursos d'água (mata ciliar), a vegetação inclui árvores altas como: espinilhos, açoita-cavalo (*Luhea devaricata*), salgueiro, figueira, cangerana, canelas, sarandis, unha-de-gato (*Acácia bonarensis*), camboim, branquilho (*Sebastiana Klotzschiana*), aroeira e gravatás palusires, ipê, grande quantidade de lianas e epífitas, alecrim, angico, grápia, louro, guajuvira, umbu, ainda são encontrados a guabiroba (*Campomanesia xanthocarpa*), o gerivá (*Arecastrum romanzoffianum*), a maria-mole (*Pisonia nítida*), a timbaúva, mata-olho, tarumã, e o gerivá, bastante freqüentes. Além de corticeiras-dobanhado, capororocas, taleira (*Celtis tala*), chalchal e pitangeiras (*Eugenia uniflora*), o chá-de-bugre, carne-de-vaca, pau-de-arco (*Guarea macrophylla*), o ingá-banana (ECOPAMPA, 2008).

Com relação à fauna é importante ressaltar a presença de alguns animais silvestres típicos da região, entre eles destacamos: tamanduá-mirim, tamanduá-bandeira, gambás, tatus (mulita, peludo, campeiro), graxaim do campo, mão-pelada, lontra, furão, zorrilho, preá, capivara (capincho), paca, morcegos (grisalho, morceguinho), sorro, lebre européia, tajã, quero-quero, cardeal, bem-te-vi, pombas, pombão, joão-de-barro, tesourinha, jacu, alma de gato (pirincho), joão grande, maçaricos, garças, ouriço-cacheiro, bugio, jaguatirica, veado-bororó, lobo-guará, gato-palheiro, etc (ECOPAMPA, 2008).

A fauna encontrada nesta região do pampa riograndense é de uma riqueza imensurável apresentando espécies desconhecidas pela grande maioria da população. Estes animais, que representem esta biodiversidade de fauna, deveriam, também, serem utilizados como referencial do conhecimento das ciências naturais. Tal é a importância da fauna para o município de Bagé que tem como ave símbolo o Tajã ou Chajá (*Chauna cristata*), instituída pela emenda da Lei Municipal nº 24 Art 5º. (ECOPAMPA, 2008).

Por toda essa variedade, tanto na flora como na fauna, salienta-se a biodiversidade da região, responsável por uma constituição própria entre as espécies animais e vegetais que compõe um espaço ambiental. Um contexto ainda preservado e, com uma importância de valorização do meio fundamental para o desenvolvimento e

riqueza da sociedade como um todo, um potencial que possibilita perspectivas às gerações futuras, uma base fundamental a permitir o equilíbrio e segurança das ações vindouras.

Em vista disso, existe toda uma potencialidade canalizada para a produção primária, de forma que, os recursos naturais possibilitam uma interação do homem com o meio e, a ovinocultura é uma evidência desta reciprocidade ao se preservar todo um contexto cultural e ambiental que permite uma valorização do ambiente. Por isso, sua importância e necessidade para o município.

2.1.5 Constituição socioeconômica da região

A constituição socioeconômica da região tem como destaque histórico primeiramente a pecuária que foi introduzida em maior escala no final do século XIX e, a agricultura, destacando-se a partir dos anos 70 do século XX. Atualmente, afóra a manutenção destas atividades agrárias existe a inserção acentuada da silvicultura, mais precisamente o plantio de eucalipto e, em menor grau a implantação da fruticultura (pêssego, ameixa, uva, etc), o que permite beneficiar bens e serviços como um todo.

Portanto, constantes que variam e se ajustam aos altos e baixos do mercado traduzindo de forma precisa na oferta e procura no qual tem influência direta na mesa do consumidor. Um elo de ligação na cadeia produtiva, tudo isso para que se possa gerar e escoar a produção, negociações que promovem relações, oportunidades, conhecimentos, com o interesse de alavancar a comercialização dos estabelecimentos rurais. Fatores e valores que apontam direções e uma garantia para os produtores, basicamente, estes são os processos inseridos num ciclo produtivo a que estão implantadas as propriedades estudadas.

Numa visão geral, há o setor primário que diz respeito à pecuária com seus maiores rebanhos na bovinocultura, eqüinocultura e ovinocultura e, uma produção agrícola responsável pelo plantio de arroz, feijão, milho, soja, sorgo, trigo, maçã, uva, etc, produção está imprescindível aos efeitos sociais como um todo, pois, alimenta e influencia uma prestação de serviços que incorpora toda uma sociedade (RS VIRTUAL, 2011).

Embora Bagé seja um município eminentemente agropecuário, a sua economia apresenta entre outras, a atividade industrial, tendo o beneficiamento de laticínios como uma das potencialidades econômicas. Além desses fatores pode-se citar: o número de

imóveis urbanos que é estimado em 35.000; o número de propriedades rurais é de 3.581, sendo a área média do módulo rural de 28 hectares; o município é detentor de 10 agências bancárias para, de maneira eficaz, atender a população (BAGÉ, 1998).

Outros dados gerais de relevante destaque compõem o perfil socioeconômico do município, dados estes da FEE (Fundação de Economia e Estatística, 2008), dentre os quais se podem destacar:

- População total, segundo o censo de 2009 é de 113.685 mil habitantes.
- A sua área corresponde a 4.095,5 Km².
- A sua densidade demográfica é de 29,4 habitantes por Km² conforme números de 2006.
- Expectativa de vida ao nascer de acordo com os dados de 2000 é de 7,68 anos.
- O coeficiente de mortalidade infantil segundo os dados de 2007 é de 17,74 por mil nascidos vivos.
- O PIB (produto interno bruto) é de R\$ 6.997,00 per capita segundo dados econômicos de 2004.
- Três hospitais com 325 leitos hospitalares.
- Clima temperado, com uma altitude de 212 metros.
- Conta com vários estabelecimentos de ensino, assim descritos: **superior**, 3 Universidades, sendo uma federal (UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa), uma estadual (UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul) e uma particular (URCAMP – Universidade da Região da Campanha). **Médio**, 14 escolas e 73 estabelecimentos de ensino **fundamental**.
- Taxa de analfabetismo segundo informações do ano 2000 corresponde a 7,74%.

Também, de acordo com dados fornecidos pelo Tribunal Regional Estadual – TER/RS de 07/07/2007 o número total de eleitores é de 83.271, sendo que o número de eleitores masculinos corresponde a 38.998 e, 44.273 os de eleitores femininos. O município também apresenta um número de 2.791 eleitores analfabetos e 1.060 menores (BAGÉ, 2008).

Estes dados reforçam a força do setor primário do município, mais, que a ovinocultura é um elo presente e constante na cadeia produtiva. Isto faz com que o nível de desenvolvimento seja determinante e se acentue em todos os níveis de forma homogênea, onde todos os setores da economia sejam um reflexo na educação, saúde, o que por sua vez demonstra uma qualidade de vida acentuada.

2. 2 PROCESSOS HISTÓRICOS DA OVINOCULTURA

2.2.1 Ovinocultura no mundo

A história da ovinocultura anda associada à do homem, a quem acompanhou desde tempos imemoriais. Inicialmente, o homem aproveitou o ovino com a finalidade de suprir as necessidades em lã, carne e couro. Aos poucos, a inteligência e habilidade humanas levaram-no a dar o primeiro passo na industrialização das fibras têxteis, através da lã, com o surgimento dos teares. Contribuía a ovinocultura, assim, para que o homem desenvolvesse nova fonte de aprendizado, ao mesmo tempo em que ia se abrigo e vestindo melhor (BOFILL, 1991).

Desse modo, enquanto o homem aumentava seu grau de civilização, o ovino contribuía decisivamente para o desenrolar desse processo, que resultou no aperfeiçoamento de técnicas, de produção e de produtividade. A história conta que cuidar de ovinos era missão tão honrosa, que nem os próprios reis a ela se esquivavam. Como testemunha disso, basta lembrar que, em Israel, o Rei Davi era pastor. Também, a mitologia grega diviniza os pastores, mostrando Apolo apascentando os rebanhos do Rei Adameto (BOFILL, 1991).

O primeiro dado da ovelha provém de alguns gravados paleontológicos encontrados em várias partes da Europa. Podemos deduzir, como resultado, que este animal lanífero e de carne saborosa tenha sido, já naquelas épocas remotas, o companheiro do homem, sem saber que utilidade lhe teria rendido. Nos tempos históricos vemos também a ovelha junto com o homem; as civilizações conhecidas até agora como as mais antigas da Babilônia e do Egito, falam da ovelha e em muitos casos, como, por exemplo, Abraão, e em geral quase todos os povos primitivos nômades, desde aquele tempo até agora, demonstram a riqueza do homem em cabeças de lanares (LINK, 1938).

A ovelha, como todos os animais domesticados, descende de antepassados selvagens, que, segundo as várias teorias, habitavam as regiões montanhosas da Ásia, o norte da África e o sul da Europa. Na América do Sul e Austrália não se conhecia o ovino antes de seu descobrimento (LINK, 1938).

Tudo isso vem comprovar que, de fato, a ovinocultura, desde a antiguidade, foi tratada com relevo, porque o homem, já naqueles tempos, entendia a grande importância social que a ovelha desempenhava no abrigo e alimentação dos povos (BOFILL, 1991).

A tabela 1 demonstra através dos números a importância e a valorização da criação de ovinos, com relação ao crescimento de forma acelerada dos rebanhos nas mais diferentes regiões do mundo.

Tabela 1. Evolução do rebanho mundial de ovinos entre 1990 – 2008 (milhões de cabeças).

	1990		2000		2008	
		%		%		%
China	113,5	9,4	131,1	12,5	143,0	13,2
União Européia	143,3	11,9	122,7	11,7	90,3	8,3
Austrália	170,3	14,1	118,6	11,3	76,9	7,1
Índia	48,7	4	59,4	5,7	64,3	5,9
Irã	44,6	3,7	53,9	5,1	53,8	4,9
Sudão	20,7	1,7	46,1	4,4	50,9	4,7
Nova Zelândia	57,9	4,8	42,3	4	38,5	3,5
Nigéria	12,5	1,0	26,0	2,5	33,1	3,0
Demais países	493,6	41,0	368,6	35,0	533,1	49,0
Total	1.207,1	100	1.051,7	100	1.083,9	100

Fonte: Eurostat; Faostat; Meat and Livestock Australia; New Zealand Meat and Wool, 2009.

Adaptado de MDIC E ARCO, 2010. p. 16.

Tão grande e generalizado foi o interesse despertado na sociedade pela exploração da ovelha, que hoje consiste um fator ponderável na economia da pecuária mundial, pois da Europa, berço de quase todas as raças da atualidade, ela disseminou-se rapidamente para outros continentes (PINHEIRO MACHADO, 1944).

Segundo Viana (2008), a ampla difusão da espécie ovina se deve principalmente a seu poder de adaptação a diferentes climas, relevos e vegetações. A criação ovina está destinada tanto à exploração econômica como à subsistência das famílias de zonas rurais.

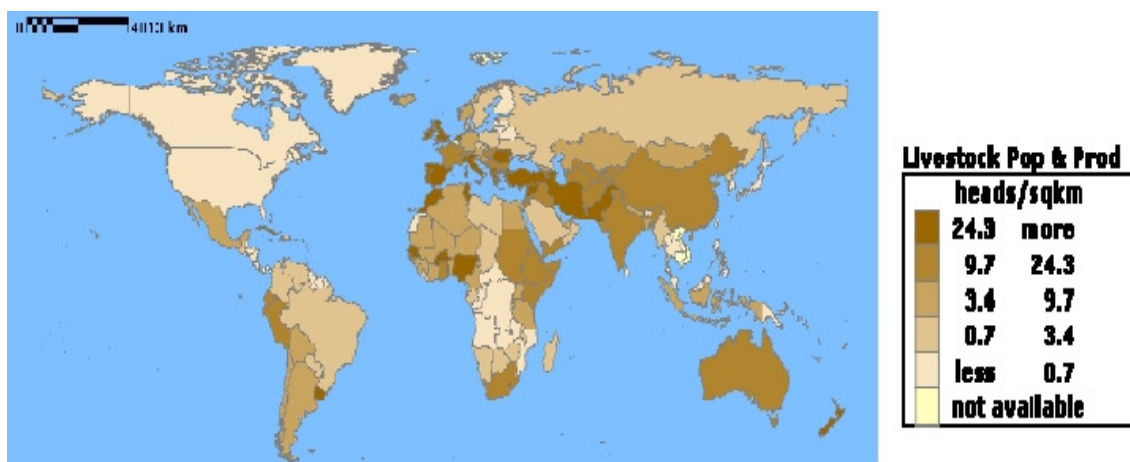


Figura 02: Densidade populacional de ovinos (cabeças) por Km terrestre mundial.

Fonte: FAO (2007). Adaptado de Viana, 2008.

A Figura 2 representa a densidade populacional de ovinos (cabeças) por km terrestre. Observa-se a ampla difusão da espécie em todos os continentes, com exceção do continente norte-americano que apresenta baixa concentração de animais por km (VIANA, 2008).

2.2.2 Ovinocultura no Brasil

A criação de ovinos no Brasil deve-se, principalmente, à influência espanhola na colonização desse continente. Inicialmente voltados para a produção de lã, os maiores rebanhos eram criados na Região Sul. Aos poucos, contudo, ajustando-se às necessidades do mercado nacional, os animais foram se adaptando para duplo propósito, ou seja, produção de lã e carne (OVINOCULTURA NO BRASIL, 2011).

Foi durante o século XVII que se introduziram os primeiros reprodutores ovinos no Brasil, alguns vinham diretamente de Portugal e outros do México, em cujos campos já exploravam o gado lanígero em larga escala. Esses animais, tanto de origem portuguesa como mexicana eram descendentes de ovelhas espanholas ou da tradicional ovelha Cotswold, tronco genealógico de quase todas as raças ovinas européias (PINHEIRO MACHADO, 1944).

As primeiras criações no Brasil estabeleceram-se em territórios dos atuais Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, que não prosperaram satisfatoriamente por não terem encontrado condições de clima e solo favoráveis à sua expansão econômica (PINHEIRO MACHADO, 1944).

Segundo Viana (2008), o Brasil possui 15,5 milhões de cabeças ovinas distribuídas por todo o país, porém, concentradas em grande número no estado do Rio Grande do Sul e na região nordeste. A criação ovina no Rio Grande do Sul é baseada em ovinos de raças de carne, laneiras e mistas, adaptadas ao clima subtropical, onde se obtém o produto lã e carne. Já na região nordeste os ovinos pertencem a raças deslanadas, adaptadas ao clima tropical, que apresentam alta rusticidade e produzem carne e peles (IBGE, Pesquisa Pecuária Municipal, 2005). Destaca-se também o crescimento da criação ovina nos Estados de São Paulo, Paraná e na região centro-oeste, regiões de grande potencial para a produção da carne ovina.

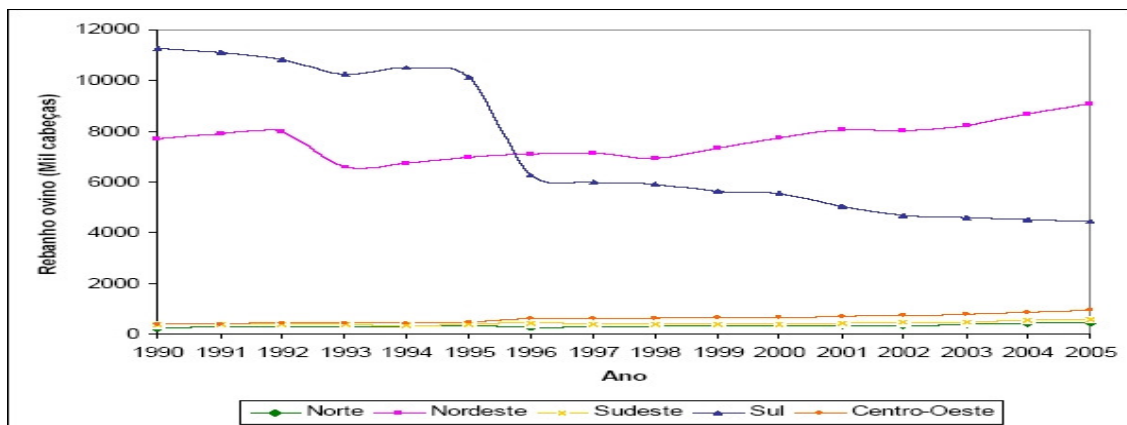


Figura 03: Evolução do número de ovinos criados nas diferentes regiões do Brasil.

Fonte: MAPA, (2007). Adaptado de Viana, 2008.

A Figura 3 destaca a evolução do número de ovinos criados nas diferentes regiões do Brasil. Observa-se o contínuo crescimento do número de animais na região nordeste, ultrapassando a região sul em meados da década de 1990 e tornando-se o novo centro produtor de ovinos (VIANA, 2008).

2.2.3 Ovinocultura no RS

A criação de ovinos no Rio Grande do Sul foi influenciada diretamente pelas colônias espanholas vizinhas, tendo-se notícias de que animais procedentes tanto da Argentina como do Uruguai tenham, inicialmente, povoado esses campos. Estes primeiros animais eram crioulos, de lã grossa, originados basicamente da raça charrua, que aos poucos foram sofrendo seleção natural. Além dos ovinos propriamente, também vieram os ensinamentos sobre o manejo e criação desses animais (RIO GRANDE DO SUL, 1982).

A ovinocultura se desenvolveu no Rio Grande do Sul, por ter encontrado condições favoráveis de clima e pastagens e por suas características de criação mista com bovinos e eqüinos. No início, destinado ao abastecimento de carne das estâncias e algumas produção de lã, e posteriormente, houve introdução de novas raças, melhoria no manejo e medidas sanitárias que apoiaram a expansão dos rebanhos, ao mesmo tempo em que a lã foi valorizada comercialmente (RIO GRANDE DO SUL, 1982).

Para Santos, Azambuja e Vidor (2009), a ovinocultura já teve grande destaque na economia gaúcha no século XX. Nas décadas de 80 e 90, porém, devido à diminuição pela procura da lã, muitos produtores rurais deixaram de criar ovinos. Entretanto, com o aumento da apreciação da carne ovina, no final da década de 90 e início desse século, muitos produtores rurais voltaram para a atividade.

Tabela 2 – Preços em reais (R\$), Relativos de Ciclo (RC) e Índices de Preços (IP) dos produtos da ovinocultura no Rio Grande do Sul de 1973 a 2005.

Produto Ano	Cordeiro			Ovelha			Lã		
	R\$/kg	RC(%)	IP	R\$/kg	RC(%)	IP	R\$/kg	RC(%)	IP
1973	4,39	93,83	100	3,58	90,64	100,00	29,27	128,91	100
1974	5,48	121,31	124,89	4,59	120,39	128,12	23,93	109,60	81,76
1975	3,95	89,84	89,94	3,16	85,26	88,29	13,62	64,95	46,56
1976	3,20	74,82	72,90	2,69	74,32	75,16	16,73	83,09	57,17
1977	3,24	77,78	73,79	2,65	75,17	74,00	20,10	104,48	68,68
1978	3,88	96,08	88,30	3,30	96,26	92,27	18,09	98,38	61,80
1979	4,59	117,18	104,50	4,28	128,37	119,45	18,41	105,26	62,92
1980	5,64	149,93	128,56	5,00	155,58	139,69	17,11	102,97	58,45
1981	3,93	108,64	89,42	3,49	113,04	97,53	12,65	80,37	43,24
1982	2,58	73,22	58,71	2,32	76,80	64,80	13,73	92,32	46,92
1983	3,11	90,70	70,85	3,51	85,19	70,08	12,23	86,96	41,79
1984	3,58	109,01	81,56	2,97	105,18	83,05	15,48	117,71	52,88
1985	3,35	106,16	76,27	2,92	106,85	81,45	13,08	106,48	44,69
1986	3,39	111,68	72,23	3,00	113,88	83,82	11,26	98,76	38,47
1987	3,34	115,93	76,09	2,83	113,07	79,12	10,17	96,34	34,74
1988	2,34	83,87	53,39	2,01	82,96	56,34	14,50	149,59	49,54
1989	2,98	114,41	67,88	2,57	112,38	71,72	15,56	176,81	53,18
1990	2,31	92,42	52,62	2,02	91,44	56,36	5,57	70,19	19,02
1991	1,87	78,37	42,72	1,68	79,12	46,86	3,07	43,19	10,48
1992	2,01	88,70	45,77	1,81	89,64	50,68	5,14	82,88	17,57
1993	2,17	101,64	49,44	2,00	104,91	56,07	4,26	79,87	14,57
1994	2,02	100,55	45,97	1,73	95,00	48,19	5,00	111,97	17,10
1995	1,85	119,52	42,19	1,61	114,58	45,04	6,24	156,44	21,31
1996	1,49	89,50	33,94	1,32	88,47	36,82	4,60	109,38	15,72
1997	1,59	89,72	36,34	1,47	93,31	40,98	4,74	107,23	16,19
1998	2,03	108,00	46,34	1,76	106,35	49,01	3,96	85,66	13,52
1999	1,91	96,13	43,59	1,70	98,25	47,36	2,42	49,88	8,27
2000	2,00	95,05	45,54	1,73	95,64	48,28	2,97	58,75	10,16
2001	2,05	92,74	46,78	1,83	97,02	51,13	3,56	67,71	12,18
2002	2,23	95,65	50,87	1,92	97,65	53,68	5,72	104,22	19,56
2003	2,78	114,05	63,37	2,26	110,54	63,22	8,63	151,89	29,49
2004	2,74	107,46	62,52	2,23	104,92	62,20	7,07	119,96	24,17
2005	2,46	93,01	56,09	2,06	93,55	57,52	5,65	92,57	19,30

Fonte: Viana e Souza (2007).

Para uma melhor compreensão, ao estimar os Relativos de Ciclo (RC), se permite avaliar a componente cíclica da série de preços. Conforme a tabela 2 foi necessário ajustar uma reta de regressão aos dados de preços reais pagos ao produtor, de forma a estimar valores de tendência para cada período de tempo.

Após realizada a regressão, os Relativos de Ciclo foram calculados dividindo-se o valor observado (o preço médio anual Desestacionalizado) pelo respectivo valor estimado através da equação de regressão para cada ano (preço de tendência) e multiplicando-se o resultado por 100, conforme a expressão: $R.C. = (PDt/PTt).100$, sendo R.C = relativo de ciclo; PDt = preço real Desestacionalizado no período “t”; PTt = preço de tendência no período “t” (VIANA E SOUZA, 2007).

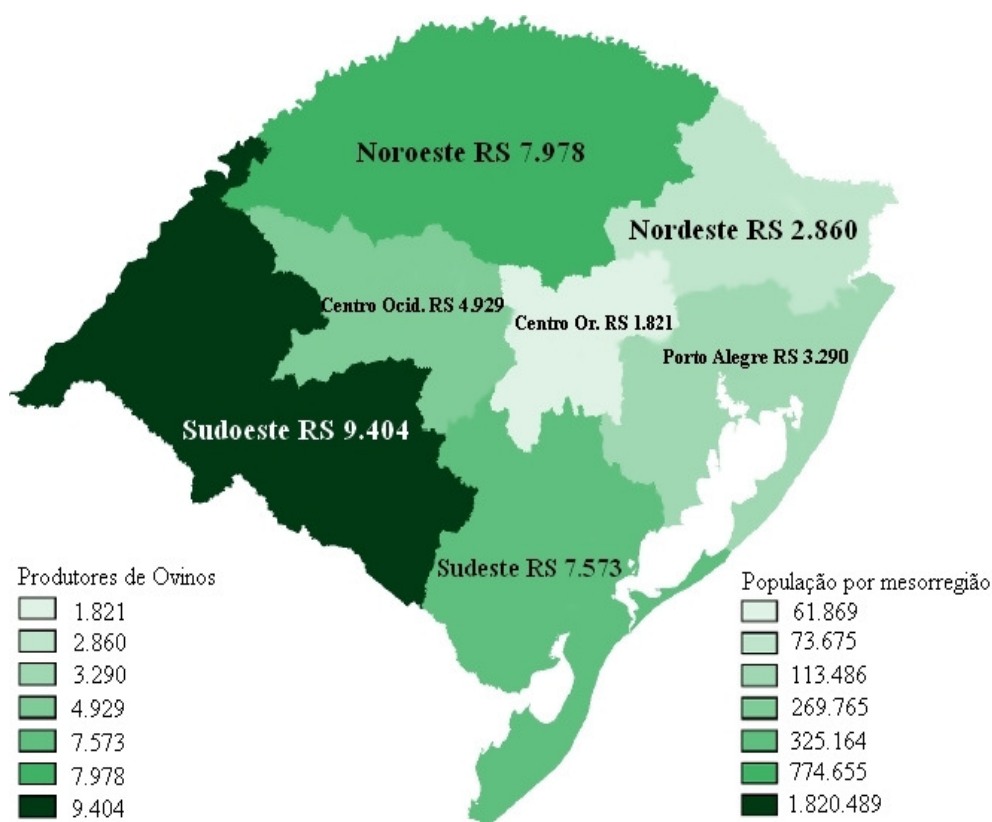


Figura 4. Produtores rurais de ovinos no RS e população existente por mesorregião.

Fonte: Santos, Azambuja e Vidor, 2009 (Adaptado pelo autor).

Nesse século, há uma leve tendência de crescimento do rebanho ovino gaúcho, conforme os dados dos últimos levantamentos pecuários realizados pelo Departamento de Produção Animal da Secretaria da Agricultura, Pecuária, Pesca e Agronegócio, sendo que a distribuição da população ovina gaúcha continua concentrada na região sul do Estado, em especial, nas mesorregiões sudoeste e sudeste conforme indica a figura 4 (SANTOS, AZAMBUJA E VIDOR, 2009).

Tabela 3. População ovina no RS entre os anos de 2005 e 2009.

Ano	2005	2006	2007	2008	2009
Machos até 6 m de idade	321.240	330.261	373.419	467.261	441.822
Fêmeas até 6 m de idade	334.297	356.941	415.549	511.706	514.149
Machos acima de 6 m de idade	608.935	622.375	629.588	498.361	417.512
Fêmeas acima de 6 m de idade	2.082.942	2.320.033	2.409.790	2.256.253	2.065.620
Total Ovinos	3.347.414	3.629.610	3.828.346	3.733.581	3.439.103
Propriedades	40.589	45.468	40.355	44.192	39.512
Produtores	38.965	46.230	41.123	43.786	37.885

Fonte: Santos, Azambuja e Vidor (2009).

Conforme os dados apurados na tabela 3 a população ovina no Estado do Rio Grande do Sul atingiu cerca de 3,5 milhões de animais no ano de 2009. Tal levantamento é realizado com base na declaração anual de rebanho, que está prevista em lei, a qual determina que todo produtor rural deve declarar, por escrito, na unidade local do DPA/SEAPPA, todos os animais que possui (AZAMBUJA E SANTOS, 2009).

Segundo o levantamento pecuário ovino do ano de 2009, demonstrado na tabela 4, os 20 municípios com maior rebanho ovino no Estado representam 69% do rebanho ovino gaúcho, com uma população ovina de 2.372.528 animais. Na tabela 4, abaixo, observa-se os respectivos municípios e o número exato de ovinos que corresponde a cada um (SANTOS, AZAMBUJA E VIDOR, 2009).

Tabela 4. Número de ovinos por municípios.

Município	Ovinos
Santana do Livramento	401.779
Alegrete	239.778
Quarai	190.744
Uruguaiana	180.407
Dom Pedrito	150.672
Rosário do sul	149.376
Pinheiro Machado	143.944
São Gabriel	136.098
Herval	108.032
Bagé	77.874
Caçapava do Sul	74.559
Jaguarão	73.022
Santiago	72.156
Bossoroca	64.720
São Borja	59.634
Pedras Altas	58.881
Santana da Boa Vista	58.289
Piratini	50.842
Itaqui	41.727
Santo Antônio das Missões	39.994
Total	2.372.582

Fonte: Santos, Azambuja e Vidor (2009).

Uma importante fonte de informações para os ovinocultores gaúchos é o critério de seleção dos ovinos em vigor atualmente no Rio Grande do Sul, baseado na apreciação visual e tátil dos animais. Essa técnica teve início por volta de 1940, através do Serviço de Ovinotecnia da Secretaria da Agricultura e da ARCO. Também, foi lançado em 1980 o Programa de Melhoramento Genético dos Ovinos no Rio Grande do Sul (PROMOVI), com a expectativa de que viesse a orientar os ovinocultores do Estado (COIMBRA FILHO, 1985).

Segundo Viana e Silveira (2009), a ovinocultura é uma das principais atividades pecuárias desenvolvidas no estado do Rio Grande do Sul. Seu estabelecimento como exploração econômica se deu no começo do século XX, com a valorização da lã no mercado internacional e, a partir da década de 1940, com o incremento tecnológico da produção. A atividade passou por períodos de progresso e crises, porém a tradição da ovinocultura se consolidou na região sul do Estado, como atividade quase sempre integrada à bovinocultura de corte.

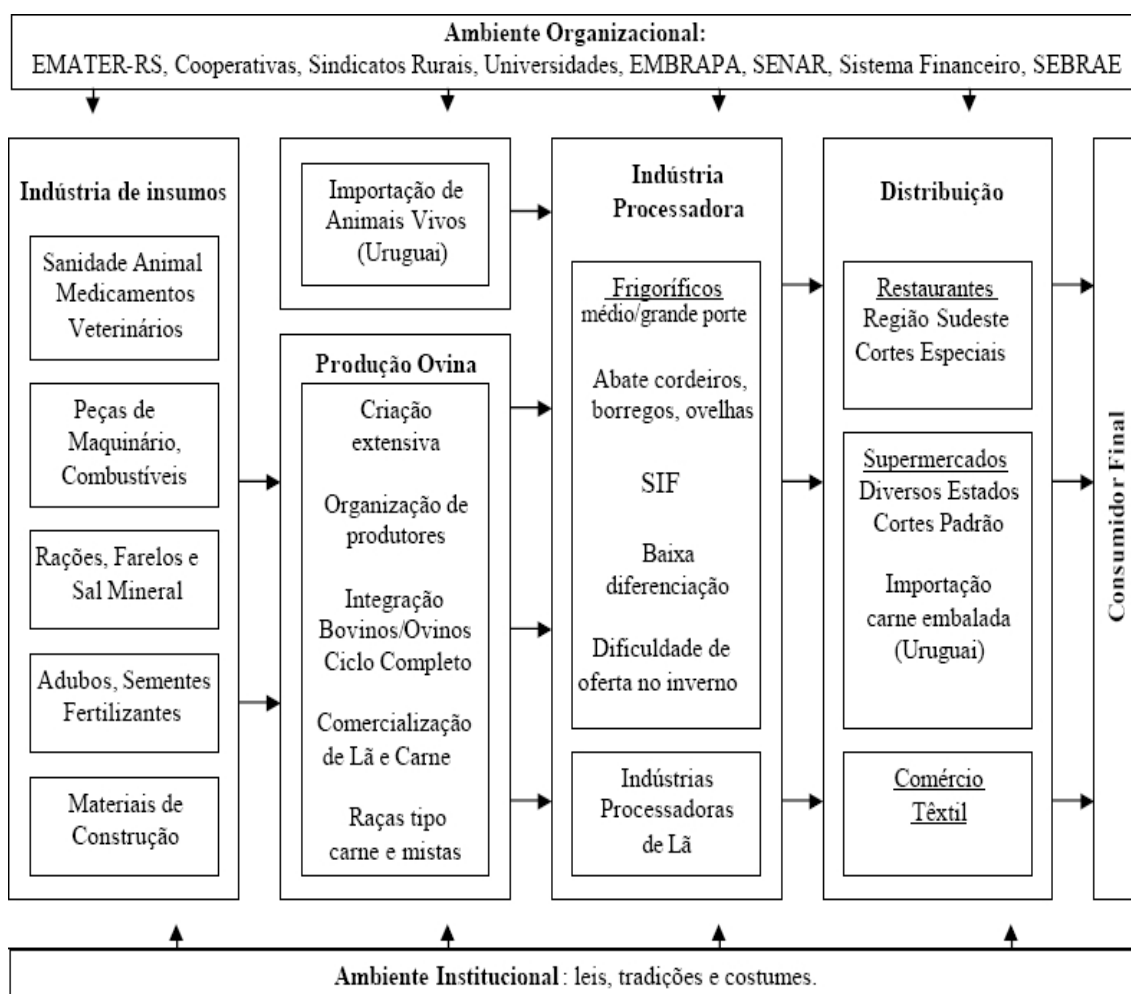


Figura 5. Cadeia produtiva da ovinocultura no RS.

Fonte: Viana e Silveira (2009).

Para Viana e Silveira (2009), as propriedades ovinocultoras apresentam tamanhos diversos, podendo ser caracterizadas de médias a grandes propriedades. Os sistemas produtivos são variados, predominando a produção de bovinos de corte aliado à ovinocultura de ciclo completo, onde a bovinocultura de corte é a principal exploração econômica. As principais raças exploradas são: Ideal, Corriedale, Texel e Cruzas, o que traz a possibilidade de receita tanto através da comercialização da lã como de carne (cordeiros). A lã ainda é uma importante fonte de receita, porém, com a desvalorização do preço do produto e a maior demanda por carne ovina os sistemas produtivos tendem a dar cada vez mais atenção à produção de cordeiros.

De acordo com Coimbra Filho (1985), embora tenha se constituído em uma das mais tradicionais e importantes atividades pastoris do Estado, a criação de ovinos vem perdendo espaço para as lavouras de arroz e soja, culturas sabidamente mais dinâmicas e produtivas que qualquer exploração extensiva. A forte concorrência exercida pelas lavouras aliada à crescente escassez de mão-de-obra no meio rural, tem sido o principal entrave da produção. Assim, mesmo sendo apontada como a mais segura e rentável atividade da pecuária gaúcha dos últimos anos, a criação de ovelha vem sofrendo um contínuo decréscimo do rebanho e do volume de produção de lã.

Ainda para o mesmo autor, os avanços técnicos obtidos pela ovinocultura gaúcha ao longo dos anos, principalmente no tocante ao nível zootécnico, não foram acompanhados por equivalente melhoria reprodutiva dos rebanhos.

2.3 PROCESSO DE GESTÃO DE UMA UNIDADE DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

2.3.1 Gestão da propriedade

Nas empresas agrárias, tal como nas indústrias, uma fase da gestão refere-se diretamente ao processo produtivo, isto é, à transformação dos elementos fornecidos pela natureza em produtos agrícolas ou ao aumento da quantidade e qualidade dos animais de criação. A outra fase refere-se à aquisição dos elementos necessários à produção, assim como à venda e conservação dos produtos obtidos (VALLE, 1985).

De acordo com Ulrich (2009), historicamente o homem do campo tem se dedicado a produzir alimentos e deixar a gerência de suas propriedades ao encargo dos contadores e das pessoas mais qualificadas para auxiliá-lo na tarefa de organização contábil. Este processo determinou um distanciamento entre o homem do campo e o

conhecimento dos conceitos e técnicas de gestão empresarial. Mesmo a propriedade rural está sendo encarada como uma empresa há bem pouco tempo.

Para Ulrich (2009), devido às transformações está surgindo um novo posicionamento para as propriedades rurais, em que se busca praticar uma agropecuária moderna e intimamente ligada às agroindústrias ou canais de distribuição. Diante dessa busca de competitividade, as propriedades rurais estão procurando novos modelos para o padrão gerencial e operacional considerando o consumidor como principal agente definidor dos padrões de qualidade. A redução dos custos de produção e a busca por faturamento fazem parte desse novo modelo produtivo das propriedades rurais.

Segundo Sepulcri (2004), o planejamento da propriedade é um processo permanente e contínuo, portanto não termina com a montagem de um plano anual de trabalho, para um determinado ano agrícola. Toda ação deve ser planejada de forma participativa (modo participativo de tratar o saber, de gestão do tempo e dos recursos produtivos, de priorização dos problemas que gostariam de conhecer e superar), de tal modo que o plano seja um compromisso de todos. É um processo que potencializa o uso dos recursos produtivos disponíveis, na busca da lucratividade (competitividade, produtividade, qualidade e sustentabilidade), produzindo resultados que atendam os objetivos do agricultor.

Conforme Moreira (2009), a importância e a representatividade do agronegócio para a economia nacional evidenciam a necessidade de estudos que visam à modernização da administração para o setor, o aumento da produtividade e a garantia de estabilidade de renda e preços para os produtores. Neste contexto, o estudo das fontes e tipos de riscos que incidem nas atividades do agronegócio, bem como suas formas de gerenciamento, é algo de extrema relevância para a melhoria de gestão do setor.

Segundo Uecker, Uecker, Braun (s/d), o bom desempenho das propriedades rurais hoje e no futuro depende da análise da complexidade da gestão deste segmento. A propriedade rural faz parte do sistema agroindustrial, localizando-se entre o mercado de insumos e o processamento, distribuição e comercialização. Todos os segmentos desta cadeia produtiva visam o consumidor final, que muda constantemente seus hábitos de consumo e aumenta sua exigência quanto à qualidade dos produtos adquiridos. Fatores econômicos, políticos, legais, sociais, naturais, competitivos e tecnológicos ajudam a aumentar esta complexidade. Diante disso, a transição da propriedade rural

para uma empresa rural se faz necessária, assim como a utilização da gestão estratégica, que definirá ações para criar espaços para atuação neste mercado.

Observa-se, nas propriedades em que algumas técnicas de produção e de administração já foram introduzidas, uma preocupação de permanência no mercado e de torná-las empreendimentos competitivos a médio e longo prazo. Estes produtores ressentem-se da necessidade de maior aproximação com seus mercados consumidores, que hoje apresentam duas grandes opções: uma decorrente do crescente processo de industrialização e outra provocada pelas alterações dos canais de distribuição. Em ambas, as exigências tornaram-se mais acentuadas, necessitando de maior diversidade, menores custos, regularidade na entrega e maior qualidade dos produtos. Além dessas exigências, em alguns casos torna-se fundamental a escala de produção (BATALHA 2008).

A transição da propriedade rural tradicional para um empreendimento que atenda a esses requisitos não é fácil de ser realizada. Concorre para esta dificuldade, sobretudo, o entendimento de que o empreendimento rural não deve mais ser encarado como uma unidade independente, mas como um elo de uma cadeia de produção. Os objetivos do empreendimento rural devem então estar coordenados com os dos demais segmentos da cadeia produtiva (BATALHA, 2008).

2.3.2 Tomada de decisão

Tudo o que um proprietário ou um gerente faz é por meio de decisão. As decisões podem ser tomadas rotineiramente, sem que o administrador talvez perceba que as está tomando; como podem afetar a existência futura da empresa, exigindo anos de análise sistemática. Mas administrar é sempre um processo de tomada de decisões. A importância da tomada de decisões é em geral reconhecida em administração, mas grande parte da discussão tende a centralizar-se na solução de problemas, isto é, no encontro de respostas. E este enfoque é errado. Na verdade, a fonte mais comum de erros, nas decisões administrativas, é a ênfase da busca da resposta exata, ao invés da pergunta certa (DRUCKER, 1962).

Para Machado, Oliveira e Schnorrenberger (2006), os modelos de escolha racionais de tomada de decisão apóiam-se nas suposições de que os indivíduos normalmente agem como empreendedores maximizadores de algo (geralmente lucro econômico), que tomam decisões em um processo seqüencial e linear. Nesses modelos,

os tomadores de decisão identificam o problema ou questão que pede uma decisão e a seguir coletam e selecionam informações acerca de alternativas de soluções potenciais, comparam cada solução com critérios pré-determinados para calcular o grau de ajustamento, ordenam soluções de acordo com uma ordem de preferência e selecionam a opção ótima.

Segundo Oaigen, Velho e Barcellos (2006), dentro do atual contexto sócio-econômico, gerenciar a atividade torna-se um meio imprescindível para a tomada de decisões racionais, reduzindo e controlando os riscos e assegurando o futuro do empreendimento. Análises de indicadores produtivos e financeiros, associado ao estabelecimento de controles dentro das propriedades rurais, tendem a trazer avanços significativos na condução de um sistema de gestão.

De acordo com Carvalho e Pedrozo (2011), as informações não estão disponíveis todas num mesmo padrão, logo as decisões se baseiam em informações incompletas. As assimetrias informacionais podem claramente beneficiar uma parte em detrimento da outra e são gastos recursos numa tentativa de ultrapassar estas dificuldades. As tomadas de decisão baseadas num conhecimento imperfeito estão longe de ser simples e são comuns na sociedade e claramente percebidas em propriedades rurais.

Conforme Padilha (2003), a informação assume um aspecto importante a ser considerado pelas organizações, especialmente em contextos onde exista uma diversidade de profissionais atuando em conjunto. Se a qualidade da informação disponível ao longo do processo de resolução de um problema complexo é de inquestionável importância, também o é a forma de tratamento analítico dessa mesma informação. Essa forma deve, fundamentalmente, agregar valor àquela qualidade da informação, havendo, por conseguinte, uma perfeita simbiose entre a qualidade da informação e a eficácia da tomada de decisão.

Perante essa realidade, a atual conjuntura estratégica das organizações requer cada vez mais a maximização dos resultados e, por conseqüência, o lucro no final do período da atividade de produção ou prestação de serviços. Para tanto, torna-se cada vez mais perceptível a necessidade de capacitação dos agentes ou colaboradores que atuam na gestão da organização (PADILHA, 2003).

Muitas informações podem ser captadas com vistas a essa necessidade crescente, bastando, para tanto, que o tomador de decisão tenha a visão e a sensibilidade de

apreender as novas tendências que envolvem a otimização operacional dos recursos humanos. Essas informações tornam-se valiosas na medida em que delas é feita uma leitura, transformando-as no diferencial competitivo que gera resultados dentro da estrutura operacional produtiva (PADILHA, 2003).

2.3.3 Fatores internos

Esse ambiente está delimitado pela porteira. Está formado por valores criados pela própria empresa e podem ser positivos ou negativos, dependendo da situação e do momento. Alguns desses valores são: cultura, estrutura organizacional, planos, capacitação de pessoal, capitalização, informação, tecnologia, estratégias de ação, etc. Da porteira para dentro encontram-se os fatores de produção: terra, capital, recursos humanos e informações, onde o êxito do produtor dependerá da melhor combinação desses fatores (CASTRO, 1999).

Segundo Padilha et al. (2010), importante é fazer a análise interna, onde se verificam quais são as características vantajosas ou desvantajosas, controláveis pela empresa que se relaciona aos aspectos da estrutura, dos processos e dos recursos que a favorecem perante as oportunidades e ameaças do ambiente. A análise interna tem o objetivo de evidenciar as deficiências e qualidades da empresa, ou as suas forças ou fraquezas. Os seus pontos fortes ou fracos deverão ser determinados diante da sua atual posição produto versus mercado.

Fatores internos são aqueles que determinam diretamente a ação da empresa e definem seu potencial para permanecer e concorrer no mercado. Os fatores internos estão efetivamente sob o controle da empresa e dizem respeito a sua capacidade de gerenciar o negócio, a inovação, os processos, a informação, as pessoas e o relacionamento com o cliente (SILVA, 2001).

Dentre estes fatores internos, segundo Coimbra Filho (1985), a excessiva mortalidade de cordeiros, nos primeiros dias após o nascimento, é um dos grandes entraves para a obtenção de uma maior eficiência da produção ovina. Estas mortes além de limitarem o aumento do rebanho, seu desfrute e a própria seleção, trazem, simultaneamente, outros reflexos econômicos, representados pela redução da produção e qualidade da lã da ovelha. Para o autor, as principais causas da grande mortalidade estão a inanição, as condições climáticas adversas e o ataque dos predadores.

Para Valle (1985), os processos que podem ser considerados tipicamente internos são as operações tendentes a manter e aumentar os vários fatores produtivos, especialmente à fertilidade das terras, combate às pragas pelo emprego de defensivos; racionalização dos trabalhos na execução das diferentes tarefas; emprego de meios mecânicos na execução das operações; execução das várias operações necessárias para a obtenção dos produtos e reemprego de alguns deles na exploração, como fatores de outras produções.

Alguns dos processos internos indicados, como os referentes à escolha do modo de execução das operações produtivas e das operações para manter e aumentar os fatores produtivos, tem aspecto essencialmente técnico, mas as suas repercussões econômicas influem nas decisões administrativas que devem basear-se definitivamente em considerações da natureza econômica (VALLE, 1985).

2.3.4 Fatores externos

Tudo o que se situa do outro lado da porteira pertence ao ambiente externo. São fatores que influenciam positiva ou negativamente, conforme seja o caso, o desempenho da empresa, tais como: política agrícola, mercado, infraestrutura, condições climáticas, governo, clientes, produtores da área de ação, fornecedores, moda, etc. Dentro desse ambiente podem-se encontrar oportunidades e ameaças (CASTRO, 1999).

Um exemplo notório foi o problema da falta de lã que se agravou a partir do século passado, quando o advento da máquina e o aumento demográfico despertaram a possibilidade e necessidade das primeiras investigações laboratoriais em busca da obtenção de fibras que superassem o problema criado com a crescente escassez da lã, principalmente nas regiões impossibilitadas de explorarem a ovinocultura (Coimbra Filho, 1985). Sem sombra de dúvida este foi um fator externo que alterou drasticamente a produção da propriedade rural, pois, não adiantava ter uma produtividade excedente se o mercado não a absorvia.

Para Padilha et al. (2010), trata-se de uma análise do ambiente externo à empresa, ou seja, das condições externas que rodeiam a empresa e que lhe impõem desafios e oportunidades. A análise externa envolve os mercados abrangidos pela empresa, características atuais e tendências futuras, oportunidades e perspectivas; a concorrência ou competição, isto é, empresas que atuam no mercado, disputando os mesmos clientes, consumidores ou recursos; a conjuntura econômica, tendências

políticas, sociais, culturais, legais etc., que afetam a sociedade e todas as demais empresas.

Para que o produtor possa acompanhar as mudanças que estão ocorrendo na economia mundial, a eficiência na área tecnológica e da gestão das atividades agrícolas é cada vez mais exigida dele. Assim, além de produzir de forma economicamente viável, ambientalmente correta, socialmente justa e conforme as determinações da defesa sanitária e se possível, de modo associativista, ou seja, além do ambiente interno (produção) é imprescindível o conhecimento do ambiente externo à propriedade (SENAR, 2009).

As operações externas são, dentro da unidade de gestão da empresa, intimamente conjugadas às internas. As operações de aquisição e venda dos produtos poderão ser consideradas como produtivas, visto que refletem o processo de início da produção e os seus momentos finais, mas também têm os seus aspectos financeiros, porquanto a aquisição dos elementos necessários a movimentação das atividades e a venda da produção se efetuam através do instrumento monetário e do crédito. Ademais, as operações de financiamento têm aspectos que atingem a produção (VALLE, 1985).

De acordo com Valle (1985), os processos tipicamente externos são: aquisição de todos os materiais e de outros fatores produtivos necessários à produção; colocação no mercado consumidor dos produtos e subprodutos vegetais e animais que foram obtidos; operações de financiamentos ou obtenção de créditos.

3 METODOLOGIA

O método consiste em uma série de regras com a finalidade de resolver determinado problema ou explicar um fato por meio de hipóteses ou teorias que devem ser testadas experimentalmente e podem ser comprovadas ou refutadas. Se a hipótese for aprovada nos testes, será considerada uma justificativa adequada dos fatos e aceita ou adotada para fins práticos (LAKATOS E MARCONI, 2008 A).

O trabalho científico, de modo geral, inicia-se com a coleta dos dados, sejam eles bibliográficos ou de pesquisa de campo, supostamente importantes para um referido problema. Todavia, o cientista não se restringe a testar suas hipóteses apenas por observação; às vezes, ele interfere quando procura controlar as variáveis, a fim de torná-las mais precisas (LAKATOS E MARCONI, 2008 A).

3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa

De acordo com Ander-Egg (1978), a pesquisa é um procedimento reflexivo sistemático, controlado e crítico, que permite descobrir novos fatos ou dados, relações ou leis, em qualquer campo do conhecimento.

Assim, a constituição desta pesquisa deu-se através das evidências exploratórias, descritivas, procurando identificar os resultados coletados, permitindo demonstrar o uso das informações adquiridas com a pesquisa bibliográfica, investigação a campo, e da pesquisa quantitativa e qualitativa. Portanto, evidenciar as direções para o desenvolvimento utilizado no eixo temático abordado, inserindo aspectos próprios do objeto de estudo com a ciência.

3.1.1 Pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica e documental teve como objetivo proporcionar o contato e aprofundamento do conhecimento do autor com os conceitos e dados relacionados ao tema da ovinocultura e do planejamento e gestão de Unidades de Produção Agrícola.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc, até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com todo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas quer gravadas (LAKATOS E MARCONI, 2008 B).

Essa etapa serviu também para a coleta de informações sobre a realidade rural da região de Bagé-RS, dos estancieiros e da pecuária de corte e ovinocultura local e regional. Para isso, foram utilizadas publicações literárias, sites oficiais, além da busca de informações em órgãos públicos como a Inspeção Veterinária e Zootecnia, EMATER. Desta forma temos:

Pesquisa na internet – através deste meio de comunicação permitiram o acesso a uma série de informações relativas ao estudo em questão, viabilizando uma fonte constante de conhecimentos, recursos necessários à realização do trabalho, disponibilizando idéias e textos de autores comprometidos com a ciência.

Pesquisa documental – na construção deste trabalho alguns documentos foram analisados e aproveitados, fontes estatísticas, tais como dados fornecidos pela IVZ (Inspetoria Veterinária e Zootécnica) de Bagé-RS e outros documentos.

A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser recolhidas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois (LAKATOS E MARCONI, 2008 B).

3.1.2 Pesquisa de campo

Esta pesquisa possibilitou através das entrevistas com os produtores descobrir dados relevantes quanto ao tema em questão, registros, anotações, características dos fenômenos inseridos no universo em questão, objetivando de forma precisa uma análise consistente do assunto abordado.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (LAKATOS E MARCONI, 2008 C).

Em vista disso, o desenvolvimento desta pesquisa deu-se por meio de duas etapas distintas, mas que no conjunto do estudo complementam o trabalho e relacionam as idéias com os fatos, disponibilizando informações e aproximando os aspectos sociais com a realidade disposta.

Primeira etapa – inicialmente foi feita uma abordagem que identificasse o tema focalizando a pesquisa quanto a obter os dados de forma quantitativa e qualitativa, visando colher o máximo de informações que permitisse um contato mais próximo com a realidade social deste trabalho.

Para Selltiz et al (1965), o tema geral de um estudo também pode ser sugerido por alguma vantagem prática ou interesse científico ou intelectual em benefício dos conhecimentos sobre certa situação particular.

Segunda etapa – foram realizadas entrevistas com alguns especialistas e profissionais do setor (técnicos agrícolas, médicos veterinários, engenheiros agrônomos), também com funcionários da Inspetoria Veterinária e Zootécnica de Bagé, para identificar os produtores rurais criadores de ovinos que se enquadrassem no perfil desejado a serem entrevistados, ou seja, produtores que tem uma identidade com a

ovinocultura. A partir dessas informações foram identificados quatro produtores rurais e procederam-se as entrevistas.

Assim, para a realização deste trabalho foram realizadas entrevistas diferenciadas, onde num primeiro momento foram entrevistados dois produtores rurais (Manuel Luís Benevenga Sarmento e Paulo Sérgio Soares) com a intenção de obter informações sobre a criação de ovinos em Bagé-RS, suas potencialidades e dificuldades para se manterem neste mercado. Bem como, buscar informações do sistema de produção implementado em suas propriedades.

Para tanto, foi utilizado questionário semi-estruturado contendo questões mistas (abertas e fechadas). A primeira entrevista ocorreu com Sarmento, no dia 16 de março de 2011, no escritório da estância São Francisco. A segunda entrevista aconteceu com Soares, na sede da ARCO (Associação Brasileira de Criadores de Ovinos), dia 18 de março do corrente ano. Além das entrevistas, foi possível realizar uma visita a campo, conhecendo a estrutura das propriedades e vivenciar de forma presencial o sistema de produção das mesmas.

Num segundo momento, foram entrevistados dois produtores rurais (Luis Claudio Gonçalves da Silva e Clara Marineli Silveira Luiz Vaz) com o propósito de obter uma visão histórica da criação ovina no município, seus aspectos mais peculiares, progressos, entraves, ou seja, um diagnóstico preciso do contexto da ovinocultura em Bagé-RS. Estas entrevistas ocorreram nos dias 12 e 15 de abril de 2011.

A escolha dos entrevistados deu-se através de alguns informantes-chaves, indivíduos com larga experiência na ovinocultura, que por seus préstimos ao setor forneceram informações minuciosas, opiniões vivenciadas pelo cotidiano estudado, contribuindo substancialmente para este trabalho com a visão apurada de quem está inserido neste contexto.

Diante disto, foi visualizado dentro de Bagé, município com larga expressão pecuária, quem trabalhasse com a ovinocultura, abordando os mais diferentes aspectos sociais, culturais, tradicionais, econômicos, que, embora diversificasse na produção da propriedade como um todo mantivesse na ovinocultura um foco eminentemente presente, mas com um sentido e um respeito pelo passado e, principalmente, com metas futuras.

3.2 A unidade de análise

O foco desta análise está ligado diretamente na criação de ovinos em Bagé-RS, nas potencialidades e dificuldades que evidenciam a manutenção da atividade. Para tanto, houve a necessidade de retratar o perfil socioeconômico, cultural, ambiental da região, dos pecuaristas entrevistados que tem na ovinocultura uma extensão da atividade pecuária, bem como, retratar as características destes produtores quanto à gestão da propriedade, tomada de decisão, fatores internos, fatores externos, isto é, um diagnóstico preciso da realidade empírica do setor rural.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Ovinocultura no município de Bagé

A falta de dados históricos impossibilita de estudar a verdadeira origem dos atuais ovinos. Partindo, porém, da hipótese de que o rebanho provenha das repúblicas platinas, o que é perfeitamente admissível, pode-se concluir que os primitivos ovinos introduzidos no Estado eram descendentes dos primeiros rebanhos trazidos a este continente pelos conquistadores, logo depois da descoberta da América (NOCCHI, 2001).

Segundo Nunes Vieira (1967), a partir do século XVII já se encontra referência sobre a existência de ovinos no Estado, criados com vistas mais à produção de peles ou peleiros para montarias. A lã grossa por eles produzida era fiada e tecida nas próprias fazendas para a confecção de ponchos e cobertores. Em 1797, já se estimava em mais de 17.000 o número de ovinos do Estado. Em meados do século XVIII, por influência dos países platinos, inicia-se a introdução de ovinos da raça Merino que cruzados com as ovelhas Crioulas então existentes melhoravam grandemente a qualidade da lã. O rebanho continuava a crescer e, em 1859, o número de ovinos era de 800.000, que eram criados livremente, sem qualquer assistência por parte dos criadores.

Por sua vez, o município de Bagé não foge ao contexto, conseqüentemente, o que há é um resgate da criação de ovinos herdado de geração a geração, onde os atuais produtores vão lapidando o conhecimento adquirido pelo tempo, uma tradição dos costumes amparada pela necessidade econômica e por valores culturais solidificados pela família.

Segundo Silva (informação verbal)¹, que vem de uma tradição herdada do avô, seu Vitoriano (nascido no início do século vinte), em conversas que remontam a tradição familiar sobre o tema, a ovinocultura no município de Bagé, inicialmente, recebe influência direta do Uruguai, país vizinho, que por sua posição geográfica favorece a introdução desta atividade pecuária, tanto na aquisição de reprodutores para o melhoramento do rebanho, como também, na oferta de mão-de-obra especializada e informações técnicas para o auxílio da atividade.

Para Silva (informação verbal)¹, seu avô costumava dizer que um fator determinante para o crescimento da pecuária ovina foi que “*entre os produtores bageenses, muitos destes, tinham estabelecimentos rurais no Uruguai, alguns deles margeando a fronteira entre os dois países, Brasil e Uruguai*”, o que proporcionou um intercâmbio de todos esses fatores e valores, com influências determinantes para o desenvolvimento da criação de ovinos em Bagé.

Segundo Vaz (informação verbal)², nascida e criada no norte de Bagé, nas Palmas, divisa com o município de Caçapava-RS, aprendeu e adquiriu o gosto pela ovinocultura observando a lida de campo com seu pai, João Silveira Luiz, sócio fundador da Cobagelã (Cooperativa Bageense de Lã), entidade fundada no ano de 1945. Entidade esta que chegou a ter mais de cinco mil sócios, onde as lãs eram classificadas, enfardadas e, as peles selecionadas por diferentes alturas de lã, buscando com isto atingir tanto o mercado externo como o interno.

Para Vaz (informação verbal)², o que alavancou a ovinocultura foi o estímulo por parte do governo estadual, através de créditos para a compra de reprodutores, e o empréstimo de reprodutores importados da Argentina, Austrália, Nova Zelândia e Uruguai pela fazenda Cinco Cruzes, hoje, Embrapa Pecuária Sul. Com isso, visava-se a melhoria do rebanho ovino das cabanhas, pois, com carneiros melhorados obtinha-se uma melhor seleção dos plantéis. Também, havia por parte do governo estadual, afora um apoio as questões sanitárias, econômicas, um incentivo ao uso de novas tecnologias como, por exemplo, o uso de inseminação artificial, cujo objetivo principal foi homogeneizar os rebanhos.

¹ Notícia fornecida por Luis Cláudio Gonçalves da Silva, em Bagé-RS, em abril de 2011.

² Notícia fornecida por Clara Marineli Silveira Luiz Vaz, em Bagé-RS, em abril de 2011.

De acordo com Vaz (informação verbal)², por parte do governo federal o auxílio era feito a partir de empréstimos para a inseminação artificial aos grandes proprietários rurais e, aos pequenos produtores com o empréstimo de carneiros para o melhoramento dos rebanhos. Seleção esta, realizada sob a supervisão da Associação Brasileira de Criadores de Ovinos (ARCO), através da seleção ovina (SO) e do registro com emissão do pedigree que identifica os animais selecionados, padronizando a raça quanto as suas características. Em vista disto, possibilitou-se que a década de 1950 fosse o auge da ovinocultura laneira no município de Bagé.

Conforme Vaz (informação verbal)², desde o ano de 1922 houve várias tentativas de incentivar, desenvolver, melhorar a ovinocultura no município de Bagé. As experiências eram realizadas, principalmente, com a introdução de reprodutores da raça Merino, importados do Uruguai e da Argentina para melhorar a produção e a qualidade da lã. Tanto que, em 1930, seu avô Dilio Furtado da Silveira, importou doze carneiros Merinos do Uruguai, negócio feito na exposição-feira de Bagé. Importante salientar que os animais tinham muitas rugas, um padrão da época para a raça Merino, mas que ao mesmo tempo representava um problema, pois, os esquiladores não estavam acostumados a tosar estes animais.

Segundo Vaz (informação verbal)², nesta época, por volta de 1928, o rebanho ovino gaúcho era 80% de raças acriouladas, com alta resistência aos vermes e ao mesmo tempo com característica de lã bem baixa (o comprimento de mecha era escasso), o que dificultou com a descendência que juntamente com as rugas herdadas dos reprodutores dificultava ainda mais a tosquia, visto que o padrão paterno se mantinha.

Ainda, conforme este entrevistado (informação verbal)², na década de 1940 houve um grande incentivo à criação de ovinos pelo governo estadual. Começaram as construções dos banheiros para a erradicação da sarna, como consequência, houve uma valorização acentuada da produção ovina com a comercialização de peles, lãs, fortalecendo e incrementando toda a cadeia produtiva.

De acordo com Vaz (informação verbal)², em fins da década de 1940 e início de 1950 a maioria dos rebanhos de ovinos ainda eram acrioulados (lã grossa), lã esta que o mercado não queria. Assim, os criadores foram induzidos a trocarem os seus rebanhos de lã grossa por animais que produzissem uma lã mais fina, o que foi feito com a introdução das raças Merino, Merilin, Ideal e Corriedale, no qual, os produtores de Bagé seguiram esta tendência.

Segundo Vaz (informação verbal)², as importações dessa época fizeram com que predominassem rebanhos diferenciados no norte do município de Bagé, chamados estes de “ovelhas arremangadas”, pois, tinham pouco velo, se constituindo basicamente de animais com cobertura de lã dorso lombar. Como reflexo, os esquiladores se sentiam prejudicados porque na esquila havia uma demora a mais e o preço era o mesmo. Assim, os produtores acharam melhor pagar mais pela esquila, onde o valor por animal tosado eram duas unidades de medida (2 fichas de lata) por ovino Merino esquilado.

Para Vaz (informação verbal)², a partir da década de 1950, os rebanhos do município foram gradativamente sendo substituídos por ovinos laneiros, atendendo um interesse da indústria têxtil, nessa época não se falava em carne ovina, a cadeia produtiva da ovinocultura estava voltada exclusivamente para a produção de lã. *“Atendendo a esta demanda laneira meu pai comprou em 1950 três carneiros Merinos na exposição-feira de Pelotas-RS, animais estes importados da Austrália”*. Por esta época, em 1954, a fazenda Cinco Cruzes (posteriormente Embrapa) dava muito incentivo a ovinocultura através do empréstimo de carneiros para a melhoria dos rebanhos das cabanhas de Bagé e região. Nessa parceria, o produtor recebia reprodutores de raça laneira, por um período que oscilava de dois a três anos para fazer o melhoramento do seu plantel.

De acordo com Vaz (informação verbal)², a partir de 1960, começaram através de incentivo governamental a importação de ovinos voltados à produção de carne, então, vieram para Bagé ovinos das raças Hampshire Down e Southdown. Desta forma, começou-se uma tentativa de organização da cadeia produtiva da carne ovina. Imediatamente houve um reflexo, pois, ao buscar um animal que produzisse mais carne a produção de lã ficou prejudicada e, vice-versa.

Conforme Vaz (informação verbal)², no ano de 1970, ocorreu a importação da raça ovina Texel, através do desvelo do então ministro Cirne Lima, que além de político era produtor rural em Dom Pedrito-RS. Isso culminou com o advento da transformação da fazenda Cinco Cruzes para Embrapa Pecuária Sul. Posteriormente, na década de 1980 foi criado em Bagé-RS o Centro Nacional de Pesquisa em Ovinos (CNPO) da Embrapa, cuja finalidade é a pesquisa e o fomento da ovinocultura, nessa época a criação de ovinos entrava em declínio.

Observa-se, com os depoimentos de Silva e Vaz, um retrato do que constitui uma atividade particular da pecuária no município de Bagé, um panorama pertinente da

criação de ovinos, sua importância, mercados, causas e efeitos. Uma descrição da prática da ovinocultura, com o intento de estabelecer a ligação do homem rural com seu meio. Uma abordagem atenta aos fatos num contexto mais amplo, onde há o retrato de uma paixão, um entusiasmo que se estende geração após geração, uma dedicação que vem de berço, assim, pode-se compreender uma prática da pecuária, vital para o desenvolvimento, que perdura por tantos anos apesar dos reveses.

Vale destacar um acontecimento importante para alavancar a pecuária ovina no município, que ocorreu no dia 15 de março de 1942, quando a Folha da Tarde registra em foto e ampla reportagem um acontecimento histórico: a primeira ovelha é tatuada no Brasil, marco inicial de uma nova era na pecuária ovina do Rio Grande do Sul. A partir daí houve grande expectativa dos ruralistas gaúchos em torno dos trabalhos de seleção ovina, determinado pela seleção de melhoramento ovino da Secretaria da Agricultura do Estado. Conseqüentemente, Bagé não fugiu a regra e buscou meios para ser centro de referência no setor (ARCO, 2007).



Figura 6: primeira ovelha tatuada no Brasil.

Fonte: jornal da ARCO (2007).

Também, é relevante destacar o pioneirismo em muitas oportunidades para o setor agrícola no município. No caso da ovinocultura a partir dos anos quarenta do século passado o mesmo procurou meios para alavancar e melhor explorar a atividade. Como destaque, no ano de 1942, um grupo de criadores locais fundou a ARCO, inicialmente, tomou o nome de Associação Riograndense de Criadores de Ovinos, posteriormente, com o intuito de prestar assistência aos rebanhos em todo o país passou a ser conhecida como é hoje, Associação Brasileira de Criadores de Ovinos. Em 1944 conseguiu a sua estruturação, realizando no ano seguinte a primeira exposição de ovinos controlados (ARCO, s/d).

No decorrer da trajetória da criação ovina em Bagé muitos foram os obstáculos e oportunidades evidenciadas, repetidas vezes, em decorrência do mercado. O número de criadores e tamanho do rebanho oscilou significativamente entre altos e baixos no período entre 1980 e 2010, conforme mostra a tabela abaixo. Percebe-se que houve uma redução de 89% do rebanho ovino no município no período.

Tabela 5: Censo ovino de Bagé de 1980 a 2010.

Ano	Nº Propriedades	Carneiros	Ovelhas	Cordeiros (as)	Borregos (as)	Capões	Total
1980	1.954	15.762	352.604	186.654	149.596	145.409	850.025
1981	1.605	14.665	336.819	169.480	104.794	122.059	747.817
1982	1.615	18.289	290.079	138.182	107.211	127.051	680.812
1983	1.396	11.686	312.719	132.633	90.863	98.227	637.128
1984	1.410	9.187	219.588	89.218	66.471	61.929	446.393
1985	1.521	12.298	215.419	86.452	71.377	61.846	447.392
1986	1.296	8.614	211.073	114.767	64.348	64.599	463.401
1987	1.563	9.882	228.559	114.123	65.717	69.580	487.861
1988	1.361	8.096	199.797	100.698	58.936	57.461	424.988
1989	1.116	6.662	164.030	81.547	49.809	45.113	347.161
1990	1.116	+ 0	+ 0	+ 0	+ 0	+ 0	336.191
1991	1.225	6.361	162.341	66.749	32.287	44.617	312.355
1992	1.303	5.498	140.084	58.482	32.548	37.802	274.414
1993	1.347	6.055	158.163	69.607	37.554	49.637	321.016
1994	1.201	6.527	146.255	59.408	36.929	38.305	287.424
1995	1.343	5.949	134.238	70.125	33.596	35.508	279.416
1996	1.323	6.469	166.761	63.895	31.657	42.770	311.552
1997	1.220	5.945	131.909	47.448	39.872	30.941	256.115
1998	695	4.230	93.243	25.567	26.877	24.571	174.488
1999	771	2.657	71.493	23.187	21.358	12.537	131.232
2000	562	2.229	51.792	19.001	8.461	16.006	97.489
2001	546	1.779	46.127	18.920	9.056	11.764	87.646
2002	504	2.126	48.233	18.535	13.728	5.978	88.600
2003	526	2.027	47.453	18.344	13.494	6.256	87.574
2004	532	1.830	40.908	17.545	11.629	5.902	77.814
2005	515	1.806	40.434	19363	10.993	5.294	77.890
2006	539	2.188	42.520	22.107	12.942	6.927	86.684
2007	844	3.561	54.290	28.778	20.533	10.009	117.171
2008	632	+ 0	+ 0	+ 0	+ 0	+ 0	93.915
2009	474	0	* 47397	* 9.503	*13.174	0	77.874
2010	681	0	62.968			0	94788

Fonte: IVZ de Bagé (2011) / SEAPA – DFDSA – DDA.

+ Computados apenas o número total de criadores e animais.

* Computados apenas os números de criadores, ovelhas, cordeiros (as) o número total, borregos (as) o número total.

Pode-se perceber, a partir da tabela 5 que a ovinocultura bageense oscila bastante, conforme alguns fatores evidenciados neste trabalho (instabilidade do preço da lã e da carne ovina, migração para outras atividades agrícolas, furto de animais, diminuição da mão-de-obra especializada). Contudo, cabe ressaltar que, apesar das dificuldades surgidas por estes fatores, no período que compreende de 1980 a 2010 fica demonstrado que quando ocorrem momentos de estabilidade no mercado a criação de ovinos reage. De modo que, confirma a importância da ovinocultura deste setor para a pecuária municipal.

4.2 Descrição da UPA do Sr. Manuel Luís Benevenga Sarmiento

A entrevista foi realizada com o produtor rural (figura 7) no dia 16 de março deste ano, na estância São Francisco, estabelecimento situado a 20 km do município de Bagé, na localidade denominada Vila Piray. O produtor, 49 anos, casado com D. Maria de Lurdes, pai de dois filhos, Luisa e Manuel, descendente de espanhóis com portugueses, cuja origem da família remonta ao século XIX.



Figura 7: Manuel Luís no escritório da estância.

Fotografia: Carlos Mario Meneses.

A sua experiência na pecuária ovina vem desde o ano de 1981, quando parou de cursar a faculdade e, desde então, adquiriu uma experiência solidificada na lida de campo. Mas considera como fundamental o gosto e o exercício pela atividade e a herança repassada pela família, uma tradição que segue as gerações de pai para filho.

Afora o fato de exercer outras responsabilidades dentro da pecuária que lhe evidenciam além de um desdobramento de atividades um notável conhecimento do setor rural, no caso, atualmente, exerce a presidência da ABCCC (Associação Brasileira de

Criadores de Cavalos Crioulos) e, também, é o presidente da Associação de Ovinos Romney Marsh do Brasil.

A propriedade possui 4630 hectares, distribuídos em 62 poteiros, contando com uma excelente distribuição dos recursos hídricos, no qual, existem 4 barragens, 130 açudes, 12 sangas, 1 arroio e uma lagoa, recursos estes, responsáveis pela dessentação dos animais e manutenção da lavoura.

Para a realização das atividades a propriedade conta com 13 empregados fixos e, conforme a necessidade 20 empregados temporários, como alambrador, esquilador, entre outros e um empregado específico no preparo para as exposições. No manejo de forma geral todos estão envolvidos com a criação de ovinos e, em relação ao trato com a ovinocultura o proprietário faz questão de dar um treinamento de acordo com seu conhecimento.

O número de animais por categorias está assim distribuído:

Bovinos – oscila entre 3500 a 4000, sendo que existem 50 touros, 1200 vacas de cria, 450 terneiros, 450 terneiras, 430 novilhas de ano e meio, 375 novilhos de ano e meio, 350 novilhas de dois anos e meio, 380 novilhos de dois anos e meio, 100 novilhos com mais de três anos e 125 vacas de descarte, perfazendo um total de 3910 bovinos.

Ovinos – possui um plantel que gira em torno de 2000, onde há 35 carneiros, 1000 ovelhas de cria, 70 cordeiros, 280 cordeiras, 20 borregos, 200 borregas e 170 ovelhas de descarte, num total de 1775 ovinos.

Eqüinos e pôneis – conta a propriedade com 500 eqüinos e 30 pôneis.

Também, quanto à estrutura da propriedade é importante salientar que a mesma tem o acesso facilitado, já que a estrada de chão (caminho vicinal) está em boas condições e isso possibilita um bom escoamento da produção. Vale salientar, que a propriedade tem a disposição os meios de comunicação necessários para estar em contato com o mundo exterior, ou seja, rádio, televisão, internet, telefone celular, o que facilita muito a divulgação, comercialização e o nome da estância.

Quanto ao sistema de produção a propriedade está organizada para a produção de cordeiros e lã, além, de preparar animais para exposições feiras (cabanha). A produção de cordeiro é vendida no final de dezembro e início de janeiro, os animais são engordados a campo nativo, e são comercializados com uma média de 35 kg. Cada animal produz em média 5 Kg de lã que também é comercializada. O encarneamento (monta) se dá de março a abril. O manejo sanitário do rebanho se dá com 3 a 4

dosificações anuais para controle da verminose, vacinação para controle da ectima, gangrena, e um banho para o controle da sarna e carrapato, anualmente em fevereiro.

A raça criada é a Romney Marsh, onde o plantel de animais selecionados PO (puro de origem) começou em 1940 com a importação de animais Romney Marsh da Argentina e do Uruguai, embora já criassem a campo desde 1930 ovinos desta raça, sem o intuito, até 1940, de formar animais para cabanha.

Atualmente, a estância trabalha apenas com a monta natural, mas já trabalhou muito com inseminação artificial no passado e para uma melhor seleção zootécnica do rebanho tem importado reprodutores do Uruguai e da Nova Zelândia, principalmente, deste país de onde o plantel é originário.

Quanto à comercialização, o destino dos cordeiros é o frigorífico, a lã se negocia com as barracas especializadas em compra e venda de lã e os reprodutores para outras cabanhas com o propósito de evidenciar a genética da cabanha. No caso da lã, o proprietário negociou a safra 2010 por R\$ 3,00 o kg; os cordeiros foram vendidos ao preço de R\$ 4,30 kg vivo e, os reprodutores, neste mesmo ano, foram vendidos ao preço médio de R\$ 1.500,00 o animal.

4.2.1 Fatores da tomada de decisão

As principais alterações no decorrer dos anos em que está à frente da propriedade ocorreram por conta, principalmente, das condições impostas pelas dificuldades decorrentes da desvalorização da ovinocultura, abigeato e falta de uma mão-de-obra qualificada. Isto foi determinante para que houvesse uma reestrutura na gestão da propriedade obrigando a uma tomada de decisão não somente para a propriedade, mas para um conjunto todo, aspectos que tiveram reflexos determinantes para se produzir com tranquilidade, promovendo de forma categórica um novo equilíbrio para o mercado, produtores e, especificamente o consumidor.

Em relação aos fatores internos como obstáculos à criação ovina a propriedade não foge a um contexto local, onde os produtores convivem basicamente com os mesmos problemas, estes trazem impactos para quem trabalha com ovinos, assim, afora existir uma dificuldade quanto à mão-de-obra há os predadores naturais, particularmente o carancho (ave de rapina), responsável anualmente por uma diminuição de 15% no número de cordeiros recém nascidos, ainda mais no tocante a criação extensiva. No caso do carancho, em época de parição ele faz dois estragos, na ovelha e no cordeiro, ele se

aproveita quando a ovelha está por parir e age rapidamente. Também, existe uma preocupação quanto aos fatores climáticos, mas estes são causas naturais, aprende-se a lidar e a conviver.

Quanto aos fatores externos, essencialmente, no caso da propriedade existem dois obstáculos que preocupam consideravelmente. Primeiramente, as políticas públicas voltadas para o setor agrícola, embora, mesmo tendo uma reabilitação não dá para garantir, pois, é um mercado muito instável. *“Acredito que se houvesse uma identificação maior com o setor o produtor não teria tantos sobressaltos, o que muitas vezes inviabiliza trabalhar sem ter que acordar às seis da manhã sabendo se o esforço no final da safra vai render”*.

O outro fator externo relatado pelo proprietário e que dificulta trabalhar com ovinos de maneira produtor é o abigeato (roubo de animais). Embora não tenha havido ocorrência de abigeato nos anos de 2009 a 2010. Mas foi necessário fazer ronda, monitorar a estrada, ou seja, houve a necessidade de tomar atitudes próprias de proteção, *“um papel que não me cabe, mas se não tomo às rédeas a incidência do roubo de ovinos continuaria”*. Ressalta apenas para constar que na propriedade somente ocorre o furto de ovinos, muito pouco auxílio do poder público, embora algumas administrações públicas através de providências na fiscalização sanitária ajudam a inibir mais, mas não é o suficiente para quem quer produzir.

“Quanto ao abigeato, para se ter uma idéia do estrago à propriedade nos anos em que administro a mesma, somente no período de 2000 à 2002, onde foi mais incidente o roubo de ovinos foram furtados mais de 500 animais”. Na época que se roubava freqüentemente não tinha dia específico, acontecia de janeiro a janeiro. Os meios para se pegar os animais eram os mais diversos, principalmente, através de cachorro e correndo até cercar e conseguir pegá-los. Os roubos são os mais distintos, tem o roubo “formiga” que levam de 1 a 2 animais e, o roubo maior onde levam de 5 a 6, de 10 a 18 animais.

4.2.2 Fatores que contribuíram para a manutenção da atividade ovina

A ovinocultura é um modo de vida, uma paixão nascida da família, já foi a atividade principal da estância, principalmente dos anos 50 a 70 do século passado quando o rebanho chegou a atingir oito mil reses. Atualmente, há uma estrutura normal que oferece todas as condições para a prática da atividade, com uma cabanha, bretes,

potreiros de manejo, boas aguadas, galpão de esquila, banheiro para ovinos e, na época de esquila contrata esquilador. É importante salientar que, exceto na cabanha onde há uma alimentação complementar para os animais que estão sendo preparados para as exposições (Esteio, Exposição Feira de Bagé e Feovelha), toda a atividade é feita a campo nativo.

Por isso, o produtor declara que *“mesmo com todos os empecilhos, considera importante a ovinocultura atualmente, a economia está mais estável, é viável produzir ovinos e, no caso da estância consolida um plantel de 70 anos criando”*. É um negócio que se paga por si só, sem a necessidade de injetar recursos financeiros de outras áreas da propriedade, está arraigado no seio da família e pretende continuar evoluindo com a ovinocultura. Assim, ele acredita que o mercado vai se ajustando ao passo que as transformações exigem.

Também, segundo o entrevistado não há outra alternativa, é uma questão de se adaptar as dificuldades e às oportunidades impostas pelo mercado, ou seja, *“agüentar o soco”*, quer dizer com isso que embora nos períodos de baixa, sempre se manteve no mercado, no mesmo *“tranco”*, nunca deixando de importar, investir, no caso, a tradição, a cultura da família mantém o foco no ovino.

4.3 Descrição da UPA do Sr. Paulo Sérgio Soares

A entrevista com o produtor rural (figura 8) ocorreu no dia 18 de março do corrente ano. O produtor, engenheiro agrônomo de profissão, 44 anos, casado com D. Simone, pai de Joaquim, proprietário da Cabanha Espinilho, situada a 18 Km do município de Bagé-RS, na localidade de Igrejinha, distrito de Piray, onde foi relatado pelo mesmo que a origem da família é uruguaia. O pai, o senhor Joaquim Soares é proveniente do Departamento (Estado) de Tacuarembó do vizinho país, vindo quando pequeno para o Brasil.

A sua experiência em criar ovinos está baseada no conhecimento empírico, pois, se criou vendo ovelha, praticamente uma experiência de vida inteira, onde adquiriu ensinamentos, observando e trabalhando com o pai. Além disto, desempenha outras funções dentro da pecuária, visto que, trabalha com a bovinocultura, lavoura de arroz, soja, pastagens (produção de sementes). Outro fator importante é que faz parte da diretoria da ARCO (Associação Brasileira De Criadores de Ovinos) como supervisor

administrativo o que lhe confere uma visão plural da ovinocultura, pois, afora a prática exercida pela atividade na criação de ovinos lhe possibilita uma noção deste mercado.



Figura 8: Paulo Sérgio no escritório da ARCO.

Fotografia: Carlos Mario Meneses.

A sua propriedade possui 496 hectares, onde, existe 1 barragem, 20 açudes, 7 sangas e 1 arroio, que em sua opinião são o suficiente para a estrutura existente, pois, estes recursos hídricos conseguem suprir as necessidades dos animais e da lavoura.

Nas atividades de manejo do estabelecimento utiliza os serviços de três empregados fixos, onde estes são responsáveis além da criação de ovinos de trabalhar em outras atividades, dividindo assim o tempo de forma a atender plenamente as necessidades da propriedade. Deste modo, lhe possibilita uma mão-de-obra polivalente nas funções cotidianas, basicamente, vem daí o aperfeiçoamento da lida com a ovinocultura.

A totalidade de animais existentes na propriedade abrange os seguintes números:

Bovinos – compreende um número de 160 animais, oscilando regularmente conforme a entrada e saída dos mesmos na fazenda, assim, possui 5 touros, 115 vacas de cria, 20 terneiros e 20 terneiras.

Ovinos – existem 623 animais, destes, 3 são carneiros pai de rebanho, 250 ovelhas, 125 cordeiros, 125 cordeiras, 60 borregos, 60 borregas e 40 ovelhas de descarte, sendo que este número de descarte está contabilizado dentro do total, visto que, oscila quanto a necessidade de vender.

Eqüinos – 15 eqüinos para os serviços campeiros.

Para Soares (2011), além de contar com uma infraestrutura muito boa para escoar a produção, escorado numa estrada de chão com boas condições de

trafegabilidade, o que representa uma facilidade na hora de negociar a produção, também conta com os mais diversos meios de comunicação que tem a disposição. O que lhe representa um serviço para estabelecer um contato com as notícias e, colocá-lo inserido das novidades que surgem no dia-a-dia.

O sistema de produção da propriedade está baseado na cabanha, viabilizando a produção de genética, os machos tatuados (borregos) para suprir a cabanha e o excedente para comercialização com outros produtores, os que não são tatuados ficam para consumo. As borregas produzidas voltam para o rebanho como reposição de matrizes, e o restante das ovelhas à medida que vai terminando o tempo de produção destas, ou seja, vão ficando mais velhas (boca cheia).

Nesse caso, ficam para a venda de outros produtores como material genético, pois, ovelha quanto mais velha fica no rebanho é sinal de que é boa, é só uma questão de olhar o dente, assim, serve como negócio para quem procura material genético. Também, coloca a venda borregas tatuadas RD (rebanho definido), só fica no rebanho da cabanha o que for SO (animais selecionados) para reposição do plantel. Assim, há aproximadamente 40 anos, desde cedo acompanhando o pai que a sua rotina é trabalhar com ovinos Corriedale, tendo começado no início dos anos 70 do século passado não parou mais.

Para tanto, a propriedade oferece condições para criar ovinos com uma estrutura completa para o tipo de atividade, com bretes; galpão para parição; galpão de cabanha; vacinas na época certa (gangrena, carbúnculo, foot root, etc), um banho por ano e uma tosquia convencional.

Para melhor se adequar o estabelecimento possui 20 potreiros, bem munidos de aguadas, abrigos; bosques de eucalipto para proteção dos animais. Também, a cabanha trabalha com um sistema de pastoreio baseado em pastagens cultivadas como sustentação de uma implementação alimentar no inverno, utilizando-se de silagem e feno para suprir a alimentação do rebanho. Ressalta-se, que para uma melhor identificação homogênea do rebanho existe uma padronização através da inseminação artificial com uma monta assistida 90 dias a partir de 15 de janeiro, bem no cedo.

Quanto à comercialização há a venda da lã para a Paramount Têxteis e para a Cooperativa de Lã Tejupa (São Gabriel-RS), no caso da última safra, ano de 2010, vendeu o kg de lã por R\$ 5,80. Vendeu a produção de cordeiros no mesmo ano para o frigorífico por R\$ 4,20 o kg, animal em pé, para segunda balança. E animais de

cabanha, houve a venda no mesmo período de 60 borregos numa média de R\$ 1000,00 por animal.

Mas é importante destacar que nunca há um descuido com o plantel, sempre existe uma troca de reprodutores e de informações obtidas principalmente com dias de campo, onde há muita troca de experiências entre outros produtores de ovinos participantes.

4.3.1 Fatores da tomada de decisão

Conforme o entrevistado, *“as principais mudanças na propriedade foram as formas de se trabalhar os ovinos, visto que, tudo faz parte do mercado, tudo mudou, o estabelecimento hoje trabalha com animais a galpão, porque, com as agressões constantes a propriedade (roubo de animais) houve a necessidade de se adequar ou, então, desistir da atividade ovina”*. Existe também uma alteração quanto à mão-de-obra qualificada, pois, atualmente, é mais difícil conseguir funcionários que estejam dispostos a trabalhar com ovinos. O restante das alterações são constantes que devem ser administradas, como o clima, predadores (sorro, carancho), fatores públicos, dentre outros.

Conseqüentemente, há toda uma modificação quanto à gestão da propriedade forçando a uma tomada de decisão imediata, onde obriga-se a buscar novas alternativas que tragam a melhoria na produção e resultados positivos, operacionalizando de tal forma que não elevasse os custos para produzir. *“No meu caso, precisava senão coibir pelo menos amenizar a principal dificuldade que o estabelecimento historicamente enfrenta, o abigeato, pois, para a propriedade é um grande problema”*. É um impacto de grandes proporções, mexe com toda a estrutura da propriedade, afora, o desestímulo que dá, pois, tudo o que tu acredita de uma hora para outra se perde, é frustrante.

De uma maneira geral, existem fatores que contribuem para uma desaceleração e até uma diminuição do rebanho ovino dentro de uma propriedade, quando não ocorre do produtor por uma questão de negócio se ver obrigado a abrir mão da ovinocultura. Por uma questão na soma dos valores a lavoura tirou um espaço que poderia e, muitas vezes era destinado a criação de ovinos, mas é um fator decorrente da necessidade de produção, de prover a propriedade de uma outra fonte de renda. Outra questão é a mão-de-obra especializada que tem influência direta.

Um fator que está relacionado com a manutenção da ovinocultura nos estabelecimentos rurais é o ambiente externo, ou seja, a relação das políticas públicas com o meio. Apesar dos esforços que existem, o campo está atirado em segundo e terceiro plano não existem políticas públicas adequadas, o que gera uma falta de segurança, deste modo, propicia uma instabilidade para toda cadeia ovina.

Para o produtor, seguramente o que causa impactos diretos na propriedade é o abigeato, um exemplo definido desta situação é o manejo, porque as circunstâncias me obrigaram a tratar a ovinocultura de modo diferenciado, trabalhando de forma assistida, isto é, os animais não ficam mais a campo, são recolhidos ao galpão todos os dias. Por sua vez onera os custos de produção, influenciando todo o setor até chegar no consumidor final. E, aqui na propriedade, sempre é o roubo de ovinos, até pela facilidade devido o animal ser de pequeno porte e fácil de carregar.

“Para combater esse problema tive de tomar medidas imediatas para sanar essa situação, ronda própria e trabalhar de forma assistida, visto que, polícia não adianta”. Hoje em dia a comunicação facilitou muito o abigeato, um exemplo claro disso é a utilização do telefone celular, assim, os ladrões operam em grupo, com batedor vindo na frente, qualquer suspeita de perigo o grupo que fica para trás desova o animal em qualquer lugar se vendo livre do produto, o que impede o flagrante delito.

É preciso haver uma adequação, trabalhar com a ovinocultura assistida, quanto ao restante se ajeita: doença do rebanho, políticas públicas, instabilidade do mercado, agora, abigeato não, vai estar presente como uma sombra para o produtor. *“Assim, a sugestão que aponto é a troca de sistema de criação, ladrão não vai deixar de existir, certamente teremos que nos adequar para sobrevivermos no mercado”.*

A frequência dos roubos na propriedade é indeterminada, quando roubavam não tinha uma época específica, roubavam o mês inteiro. Por mais que se cuidasse, quando afrouxava a ronda roubavam, embora, em épocas de festividades sempre era uma constante os roubos. Os animais eram carneados na própria propriedade e os ladrões levavam, na maioria das vezes, apenas as partes mais nobres, deixando as vísceras expostas. Quando roubavam a quantidade era indefinida, às vezes, 1 ou 2 animais, ou mais, 5, 10, 15 por vez, chegando a um número maior de animais, o que num ano, chega a ser um 10% da criação, o que é muito.

Existem momentos que o mercado deixa o produtor inseguro, porque o mesmo fica na mão de quem fixa valor no seu produto. No momento a ovinocultura é muito boa

pelo crescimento de consumo do produto carne e a lã de qualidade está valorizada, assim, tem que se jogar com as situações impostas para se perpetuar no mercado, além de passar o conhecimento e o gosto à próxima geração. Por isso, meu interesse é a manutenção do rebanho atual, até porque campo não aumenta e, dar seqüência no trabalho e vislumbrar melhoria na genética.

4.3.2 Fatores que contribuíram para a manutenção da atividade ovina

O entrevistado afirma que *“a importância da ovinocultura na propriedade e na sua vida é uma paixão, não tem outra definição, desde cedo trabalhando com ovinos se aprende a respeitar e a querer continuar na atividade”*. Também, tem o lado financeiro, deixando a lavoura está em segundo plano na propriedade, até bem mais do que a bovinocultura. É com efeito muito relevante, pois, é uma criação diferenciada, que agrega valor, respondendo por 25% da produção da propriedade.

Segundo o produtor, *“não abandonou a ovinocultura porque a rentabilidade do ovino deixa bastante, se mantém e ainda deixa alguma coisa”*. No caso da lã custeia as demais despesas e, o produto carne, no momento, está supervalorizado. Afora ser uma atividade rentável é apaixonante e, tem o lado tradicional herdado. É um meio que se completa, se não for rentável e se não gostar não vale a pena o investimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho é uma análise, um diálogo, que procurou reunir e colher informações que aproximem e identifiquem a ovinocultura do município de Bagé-RS, com as suas características mais marcantes, uma evidência dos fatos a partir do estudo de caso sobre as potencialidades e dificuldades para a manutenção da atividade. Deste modo, buscou-se compreender além dos fatores comerciais, mas demonstrar um reflexo social e histórico inserido ao homem do campo, vislumbrando um olhar, um ponto de vista que reproduz e revela uma descrição pormenorizada do ambiente de estudo.

Portanto, a manutenção da criação de ovinos no município de Bagé, e relatado pelos entrevistados, destaca a importância e valorização dessa atividade, que está diretamente ligada a cultura regional e alicerçada numa tradição que foi transmitida de geração a geração. Por isso essa atividade, apesar das grandes dificuldades que enfrenta, como a instabilidade do mercado, abigeato, mão-de-obra especializada e as políticas públicas para o setor vêm se mantendo ao longo dos anos.

Assim, estes fatores como um todo é que estão num grau maior de influência quanto a dimensão do que estes pecuaristas precisam administrar na hora da tomada de decisão. Diante deste universo, destaca-se a importância da ovinocultura nas propriedades onde há todo um contexto agregado ao lado familiar, um resgate do setor por meio do aprendizado deixado como herança através das gerações. Também, retrata uma cultura dos produtores que os destacam enquanto gestores, um conhecimento dos ambientes internos e externos, o que automaticamente se traduz na tomada de decisão em prol da atividade.

Diante destes fatos apresentados observou-se não somente a importância da ovinocultura para o município de Bagé, mas fica evidenciado pelas entrevistas com os produtores que a criação de ovinos é uma atividade importante, independente, dos altos e baixos para o setor. Isto é, existem outros fatores não necessariamente econômicos que fazem com que estes produtores permaneçam na atividade.

Em face disso, deve-se destacar o processo pelo qual a agricultura está inserida, algo muito maior e complexo, pois, os muitos contextos para o tema fazem com que não se aponte apenas um rumo, mas várias direções, direções estas transformadoras, permitindo outras opções viáveis como forma de dialogar e viabilizar a evolução do setor rural.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDER-EGG, Ezequiel. **Introducción a las técnicas de investigación social:** para trabajadores sociales. Buenos Aires: Humanitas, 1978.

ARCO – Associação Brasileira de Criadores de Ovinos. **Jornal da ARCO.** Ano 1 – Nº 2 – Dezembro de 2007 – Janeiro 2008. 16 p. Disponível em: http://www.arcoovinos.com.br/jornal_dez07.pdf Acesso em 11/4/2011.

ARCO – Associação Brasileira de Criadores de Ovinos. **Manual Técnico.** Regulamento do Registro Genealógico de Ovinos no Brasil. Bagé-RS, s/d. Gráfica do Instituto de Menores. 82 p.

AZAMBUJA, Roberto Moreira de; SANTOS, Diego Viali dos. **Potencialidade de Ovinos para Abate no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Secretaria da Agricultura - DPA (Departamento de Produção Animal), 2009. Disponível em: <http://www.sheepembryo.com.br/files/artigos/205.pdf> Acesso em 4/4/2011.

BAGÉ - Prefeitura Municipal. Assessoria de Planejamento. **Plano de Desenvolvimento Municipal.** Perfil do Município; Programa de Investimentos; Perfil de Projetos. Bagé-RS, 1979.

BAGÉ - Prefeitura Municipal. **Economia,** 1998. Disponível em: <http://www.alternet.com.br/bage/index2.html> Acesso em 6/4/2011.

BAGÉ – Prefeitura Municipal. **NTI** (Núcleo de Tecnologia da Informação), 2008. Disponível em: <http://www.bage.rs.gov.br/economia.php> Acesso em 4/4/2011.

BAGÉ-RS (2011) - **História da Cidade.** Disponível em: <http://www.ferias.tur.br/informacoes/7439/bage-rs.html> Acesso em 17/3/2011.

BAGÉ-RS (s/d.) - **História.** Disponível em: <http://www.alternet.com.br/bage/historia/index.html> Acesso em 17/3/2011.

BATALHA, Mário Otávio (coord.) **Gestão Agroindustrial.** GEPAL: Grupo de estudos e pesquisas agroindustriais. São Paulo: Atlas, 2008. Volume 1.

BOFILL, Francisco Jorge. **A Raça Ovina Ideal no Rio Grande do Sul.** Volume 1. Porto Alegre, 1991. Gráfico-Ofifset Indústria Gráfica Ltda. 210 p.

CAMPO E DESENVOLVIMENTO. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/316.pdf> Acesso em 12/3/2011.

CARVALHO, Daniela Moreira de; PEDROZO, Eugênio Ávila. Caos, complexidade e tomada de decisão: como conciliar? **G&DR.** v. 7, n. 1, p. 203-230, jan-abr/2011, Taubaté, SP, Brasil. Disponível em www.rbgdr.net/revista/index.php/rbgdr/article/download/364/234 Acesso em 12/3/2011.

CASTRO, Narciso Gonçalves. **Curso de desenvolvimento gerencial da empresa rural**. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 1999. 59 p.

COIMBRA FILHO, Adayr. **Técnicas de Criação de Ovinos**. Porto Alegre: EMATER/RS, 1985. 92 p.

DRUCKER, Peter F. **Prática de Administração de Empresas**. Rio de Janeiro, 1962. Editora Fundo de Cultura S. A. Volume 2. Capítulo 28.

ECOPAMPA, 2008. Disponível em www.daeb.bage.rs.gov.br/baixaArquivo.php?download...ecopampa Acesso em 2/4/2011.

FAO. Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação. **Estatísticas FAO**, 2007. Disponível em: www.fao.org.

FEE (Fundação de Educação e Estatística, 2008). **Dados Socioeconômicos de Bagé**. Disponível em: <http://www.bage.rs.gov.br/economia.php> Acesso em 4/4/2011.

GOODE, William J.; HATT, Paulo K. **Métodos em Pesquisa Social**. São Paulo: Nacional, 1969.

HEGENBERGER, Leônidas. **Etapas da Investigação Científica**. São Paulo: EPU: Edusp, 1976.

IBGE – Cidades (2011). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> Acesso em 4/4/2011.

IBGE - **Pesquisa Pecuária Municipal** (2005). Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2005> Acesso em 9/3/2011.

IVZ de Bagé (Inspetoria Veterinária e Zootécnica); SEAPA (Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócios); DFDSA (Divisão de Fiscalização e Defesa Sanitária Animal); DDA (Departamento de Defesa e Agropecuária). **Censo Ovino de Bagé de 1980 a 2010**. Bagé-RS, 2011.

JARDIM, Walter Ramos. **Os Ovinos**. São Paulo, 1973. 196 p.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia Científica**. Ciência e Conhecimento Científico; Métodos Científicos; Teoria, Hipóteses e Variáveis; Metodologia Jurídica. São Paulo. Editora Atlas S. A. - 2008 A.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa**: Planejamento e Execução de Pesquisas; Amostras e Técnicas de Pesquisa; Elaboração, Análise e Interpretação de Dados. São Paulo. Editora Atlas S. A. - 2008 B.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Editora Atlas S. A. - 2008 C.

LINK, Pablo. **Lanares y Lanas de la Republica Argentina**. Buenos Aires, 1938. Imprenta Ferrari Hnos. 264 pág.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE BAGÉ, 2010. Disponível em: <http://cidadebage.blogspot.com/2010/04/localizacao-geografica.html> Acesso em: 17/3/2011.

MACHADO, João A. Dessimon; OLIVEIRA, Lessandra Medeiros de; SCHNORRENBERGER, Adalberto. Compreendendo a tomada de decisão do produtor rural. CONGRESSO DA SOBER (XLIV) **Anais...** Porto Alegre, 2006. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/5/316.pdf> Acesso em 12/3/2011.

MDIC – Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; ARCO – Associação Brasileira de Criadores de Ovinos. **Estudo de Mercado Externo de Produtos Derivados da Ovinocaprinocultura**. Passo Fundo: Méritos, 2010. 168 p.

MOREIRA, Vilmar Rodrigues. **Gestão dos riscos do agronegócio no contexto cooperativista**. São Paulo: Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, 2009. (Tese de Doutorado). Disponível em http://www.gv.br/scripts_inst/catalogo_titulados/SHOWPDF.ASP?ALUNO=71050100638 Acesso em 13/3/2011.

NOCCHI, Enio Del Geloso. **Os efeitos da crise da lã no mercado internacional e os impactos sócio-econômicos no município de Santana do Livramento-RS-Brasil**. 2001. 87 f. Dissertação (Mestrado em Interação e Cooperação Internacional) – Universidade Nacional de Rosario – Argentina.

NUNES VIEIRA G.V. **Criação de Ovinos** . São Paulo : Melhoramentos, 3ª ed., 1967. p., 25.

OAIGEN, Ricardo P.; VELHO, João Pedro; BARCELLOS, Júlio O. J. **Sistemas de apoio à tomada de decisão em pecuária de corte**. “Palestra apresentada na 1ª Jornada Técnica em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva: Tecnologia, Gestão e Mercado, 28 e 29 de setembro”. Núcleo de Estudos em Sistemas de Produção de Bovinos de Corte e Cadeia Produtiva. Porto Alegre, 2006.

OVINOCULTURA NO BRASIL, 2011. Disponível em: <http://www.portaldoagronegocio.com.br/conteudo.php?id=23380> Acesso em 11/3/2011.

PADILHA, Ana Claudia Machado et al. O desenvolvimento do diagnóstico estratégico em propriedades rurais do agronegócio: análise ambiental em uma propriedade rural familiar. **Revista INGEPRO** – Inovação, Gestão e Produção. Junho de 2010, vol. 02, nº 06. Disponível em <http://www.ojs.ingepro.com.br/index.php/ingepro/article/download/254/212> Acesso em 14/3/2011.

PADILHA, Ana Claudia Machado. **A participação da informação na tomada de decisão na produção leiteira na região de Palmeiras das Missões – RS**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2003. (Dissertação de Mestrado).

PINHEIRO MACHADO, Dulphe. **Zootecnia Especial**. Porto Alegre, 1944. Livraria do Globo. Capítulo III.

RIO GRANDE DO SUL – Secretaria da Agricultura, Pecuária e Agronegócio. IVZ – Inspeção Veterinária Zootécnica de Bagé. **Censo Ovino do Município**. Bagé-RS, 2011.

RIO GRANDE DO SUL – Secretaria da Agricultura. **Cartilha do Agricultor**. Os Animais. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura, 1982. 4º Volume.

RS VIRTUAL, 2011. **O Rio Grande do Sul na Internet**. Disponível em: <http://www.riogrande.com.br/municipios/bage1.htm> Acesso em 3/4/2011.

SANTOS, Diego Viali dos; AZAMBUJA, Roberto Moreira de; VIDOR, Ana Carla. **Dados Populacionais do Rebanho Ovino Gaúcho**. Porto Alegre: Secretaria da Agricultura - DPA (Departamento de Produção Animal), 2009. Disponível em: http://www.saa.rs.gov.br/uploads/1294316729Dados_populacionais_do_rebanho_ovino_gaúcho.pdf Acesso em 4/4/2011.

SANTOS, Virgínio Teixeira dos. **Ovinocultura**. Princípios básicos para sua instalação e exploração. São Paulo: Nobel, 1986.

SELITIZ, C. et al. **Métodos de Pesquisa nas Relações Sociais**. São Paulo: Herder, 1965.

SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. **Administração da Empresa Rural: ambiente externo**. Brasília: SENAR, 2009. 46 p. Disponível em: http://www.caprilvirtual.com.br/Artigos/senar_empresa_rural.pdf Acesso em 14/3/2011.

SEPULCRI, Odilio. **Planejamento da propriedade rural familiar**. Proposta de Treinamento Prático/Teórico. Emater. Secretaria da Agricultura e Abastecimento. Governo do Paraná. Curitiba, setembro de 2004. Disponível em http://www.emater.pr.gov.br/arquivos/File/Comunicacao/Premio_Extensao_Rural/1_Premio_2005/Planej_Prop_Rural_Fam.pdf Acesso em 13/3/2011.

SILVA, Christian Luiz. Competitividade: mais que um objetivo, uma necessidade. **Revista FAE BUSINESS**, n. 1, nov. 2001. Disponível em: http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_fae_business/n1_dezembro_2001/ambeconomico_competitividade.pdf Acesso em 14/3/2011.

TABORDA, Tarcisio Antonio Costa. **Bagé de sempre**. Resumo Histórico. Bagé: Fundação Áttila Taborda – Faculdades Unidas de Bagé (CECOM – Centro De Comunicações), 1981.

UECKER, Gelson Luiz; UECKER, Adriane Diemer; BRAUN, Mirian Beatriz Schneider. **A gestão dos pequenos empreendimentos rurais num ambiente competitivo global e de grandes estratégias**. Paraná, s/d. Disponível em: <http://www.sober.org.br/palestra/2/429.pdf> Acesso em 13/3/2011.

UFRGS – Departamento de Zootecnia. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/zootecnia/nespro/Anais%20I%20Jornada/TEXTOS%20EM%20PDF/Gestao%20aplicada%20a%20pecuaria%20de%20corte.pdf> Acesso em 12/3/2011.

ULRICH, Elisane Roseli. Contabilidade rural e perspectivas da gestão no Agronegócio. **Revista de Administração e Ciências Contábeis do IDEAU** (Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai). Campus Sertão-RS. Vol. 4, n. 9, Julho / Dezembro 2009. Disponível em: http://www.ideau.com.br/upload/artigos/art_74.pdf Acesso em 13/3/2011.

VALLE, Francisco. **Manual de Contabilidade Agrária**. A produção agrária; A administração da empresa agrária; A contabilidade agrária. Editora Atlas S. A. São Paulo, 1985.

VIANA, João Garibaldi Almeida. Panorama Geral da Ovinocultura no Mundo e no Brasil. **Revista Ovinos**, Ano 4, N° 12, Porto Alegre, Março de 2008. Disponível em: www.uniovinos.unipampa.edu.br/index.php?option=com_docman Acesso em 11/3/2011.

VIANA, João Garibaldi Almeida; SILVEIRA, Vicente Celestino Pires. Cadeia Produtiva da Ovinocultura no Rio Grande do Sul: Um estudo descritivo. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v.2, n.1, p. 9-20, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.cesumar.br/pesquisa/periodicos/index.php/rama/article/viewFile/757/706> Acesso em 11/3/2011.

VIANA, João Garibaldi Almeida; SOUZA, Renato Santos de. Comportamento dos Preços dos Produtos Derivados da Ovinocultura no Rio Grande do Sul no Período de 1973 a 2005. **Ciência e agrotecnologia**, Lavras, v. 31, n. 1, p. 191-199, jan./fev., 2007. Disponível em: http://www.editora.ufla.br/site/_adm/upload/revista/31-1-2007_28.pdf Acesso em 12/3/2011.

ENTREVISTAS

SARMENTO, Manuel Luís Benevenga. **Produtor rural**. Bagé-RS, 2011.

SOARES, Paulo Sérgio. **Produtor rural**. Bagé-RS, 2011.

ANEXO A

Da figura 9 até a 16 todas as fotografias são na estância São Francisco, a autoria das mesmas pertencem ao autor do presente trabalho.



Figura 9: porteira de entrada para a estância São Francisco em Bagé-RS.



Figura 10: sede principal da propriedade.



Figura 11: Manuel Luís e Carlos Mario (autor do presente trabalho) à entrada do escritório.



Figura 12: frente da fachada externa da cabanha de Romney Marsh.



Figura 13: fachada externa da cabanha, ângulo lateral.



Figura 14: fotografia interna da cabanha.



Figura 15: reprodutores (carneiros) Romney Marsh no piquete.



Figura 16: reprodutores (carneiros) Romney Marsh a campo.

Da figura 17 até a 24 todas as fotografias são na cabanha Espinilho, a autoria das mesmas pertencem ao autor do presente trabalho.



Figura 17: entrada para a Cabanha Espinilho em Bagé-RS.



Figura 18: casa principal da propriedade.



Figura 19: galpão (menor) abriga os borregos (as) e reprodutores (carneiros).



Figura 20: vista interna do galpão menor.



Figura 21: galpão maior para abrigar todo o rebanho.



Figura 22: parte interna do galpão maior.



Figura 23: reprodutores (carneiros) Corriedale a campo.



Figura 24: borregas Corriedale no piquete.

ANEXO B

Questionário para a elaboração das entrevistas semi-estruturadas.

Módulo 1: o produtor, estrutura da propriedade e o sistema de produção.

O produtor:

- 1) Qual o seu nome completo?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Qual a origem da sua família?
- 4) É casado (nome da esposa), solteiro, se casado quantos filhos tem (nome dos filhos)?
- 5) Qual a sua escolaridade?
- 6) Qual a sua experiência na pecuária ovina (quantos anos está criando ovinos, cursos de aperfeiçoamentos, outras experiências)?
- 7) Exerce alguma outra atividade dentro da pecuária além da criação ovina?
- 8) A atividade de pecuária com ovinocultura foi repassada pelo pai? É uma tradição de família?

Estrutura da propriedade:

- 1) Quantos hectares possui a propriedade?
- 2) Quantos empregados possui a propriedade?
- 3) Quantos são responsáveis diretamente pela ovinocultura?
- 4) Os empregados envolvidos na criação ovina recebem algum tipo de treinamento ou algum curso de aperfeiçoamento ou, já contrata mão-de-obra especializada?
- 5) Quantos animais possui a propriedade, neste caso, é o número total de ovinos, bovinos, eqüinos, etc?
- 6) Qual a distância da propriedade para o município sede da mesma?
- 7) Onde a propriedade está localizada?
- 8) Quais são as vias de acesso: estrada de chão, br? Qual a condição da mesma?
- 9) Quais são os meios de comunicação disponíveis: telefone, rádio, celular, TV, internet, rádio amador?

Sistema de produção:

- 1) Descrição do funcionamento da criação ovina, isto é, quais técnicas utiliza no sistema de produção? Por quê? Neste caso, é o manejo propriamente dito, o dia-a-dia, como são planejadas as atividades campeiras, se trabalha com ovinocultura de cria, recria, engorda, ovino de cabanha?
- 2) Há quanto tempo cria ovinos?
- 3) Com que raça iniciou a criação? Se mudou? Para qual, Porque mudou?
- 4) Que raça vocês criam atualmente? Desde quando?
- 5) Qual a importância da ovinocultura na propriedade (a criação ovina responde por quanto da produção total da mesma)?
- 6) Como é a infra-estrutura de produção (galpão, bretes, poteiros de manejo, aguadas, etc)?
- 7) Trabalha com pastagem para ovinos?
- 8) Há uma alimentação complementar (ração, pastagens) para os ovinos?
- 9) Qual o período de monta, vacinação, banho, tosquia?
- 10) Trabalha com inseminação artificial?
- 11) Qual a importância da ovinocultura para o senhor?
- 12) Comercialização: como se dá , para quem vende a lã e os ovinos (nome dos compradores)?
- 13) Valor recebido por quilo lã, carne (animal em pé ou a rendimento) e animais de cabanha?
- 14) Costuma comprar de outras cabanhas para reposição zootécnica do rebanho?
- 15) Existem outras informações que são importantes no sistema de produção?

Módulo 2: opinião do produtor.

- 1) Histórico da criação de ovinos na propriedade (quando começou, com quem, com quantos animais teve o início)?
- 2) Motivos que levaram a optar pela criação ovina?
- 3) Principais alterações que aconteceram no decorrer da criação ovina na propriedade, quais os motivos para as mudanças?
- 4) Quais são as principais dificuldades que encontra para criar ovinos?

- 5) Qual o principal impacto na propriedade ao criar ovinos?
- 6) Porque não abandona a criação ovina?
- 7) Motivos que considera importante para exercer a ovinocultura?
- 8) Qual é a visão do senhor em relação às políticas públicas para o setor agrícola, em particular, para a ovinocultura?
- 9) A ovinocultura como negócio se paga por si só ou existe a necessidade de injetar recursos financeiros de outras áreas da propriedade para suprir perdas no decorrer do processo?
- 10) Como o senhor lida com as dificuldades e as oportunidades impostas pelo mercado ovino?
- 11) Qual a sua perspectiva futura em relação à ovinocultura, isto é, o que o senhor projeta para a sua propriedade e para o mercado ovino como um todo?
- 12) Quais são os principais fatores em ordem de importância no seu ponto de vista que contribuíram para alterar a manutenção do rebanho ovino na propriedade?
- 13) Já exerceu ou exerce alguma outra atividade tanto fora como dentro da pecuária?

ANEXO C

Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido dos produtores entrevistados.



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: MANUEL LUIS BENEVENGA SARMENTO

RG/CPF: 2003267677/CPF: 359448030-53

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Potencialidades e Dificuldades Evidenciadas para a Manutenção da Atividade" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Potencialidades e Dificuldades Evidenciadas para a Manutenção da Atividade" – do **Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo "identificar os fatores que interferiram no processo de diminuição do rebanho ovino de Bagé-RS".

A minha participação consiste na recepção do aluno Carlos Mario Meneses Aguilera para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura 

Bagé, 16 de março de 2011.

PLAGEDER: Av. João Pessoa, 31 – 90040.000 – Porto Alegre – RS – Brasil - Fone: (51) 3308.3884 - Fax: 3308.32 81
<http://www6.ufrgs.br/plageder> plageder@ufrgs.br

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: PAULO SÉRGIO SOARES

RG/CPF: 502.2936248/CPF: 462.704000-82

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso “A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Potencialidades e Dificuldades Evidenciadas para a Manutenção da Atividade” para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** “A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Potencialidades e Dificuldades Evidenciadas para a Manutenção da Atividade” – **do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “identificar os fatores que interferiram no processo de diminuição do rebanho ovino de Bagé-RS”.

A minha participação consiste na recepção do aluno Carlos Mario Meneses Aguilera para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura Paulo S. Soares

Bagé, 18 de março de 2011.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

NOME: LUIS CLAUDIO GONÇALVES DA SILVA

RG/CPF: 205 309 1324 / CPF: 548 818 540-20

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Estudo de Caso sobre Potencialidades e Dificuldades para a Manutenção da Atividade" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Estudo de Caso sobre Potencialidades e Dificuldades para a Manutenção da Atividade" – do **Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo "identificar os fatores que interferiram no processo de criação de ovinos em Bagé-RS".

A minha participação consiste na recepção do aluno Carlos Mario Meneses Aguilera para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura Luis Claudio Gonçalves da Silva

Bagé, 12 de abril de 2011.

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

**Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL - UFRGS**

NOME: CLARA MARINELLI SILVEIRA LUIZ VAZ

RG/CPF: 217 829030-20

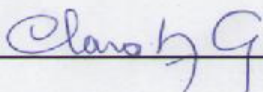
Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Estudo de Caso sobre Potencialidades e Dificuldades para a Manutenção da Atividade" para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** "A Criação de Ovinos em Bagé-RS: Estudo de Caso sobre Potencialidades e Dificuldades para a Manutenção da Atividade" - **do Curso de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural - PLAGEDER**, que tem como objetivo "identificar os fatores que interferiram no processo de criação de ovinos em Bagé-RS".

A minha participação consiste na recepção do aluno Carlos Mario Meneses Aguilera para a realização de entrevista.

Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pelo aluno. Para isso, **AUTORIZO** / **NÃO AUTORIZO** a minha identificação e da propriedade para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura  CLARA M. S. LUIZ VAZ

Bagé, 15 de abril de 2011.